

1 2 9 0



UNIVERSIDADE DE
COIMBRA

Carolina de Crasto Vieitas Duarte

**Expectativas de Futuro Vocacional
na “Adultez Emergente”:
Estudo Exploratório**

VOLUME 1

Dissertação no âmbito do Mestrado em Psicologia, área de pré especialização em Psicologia da Educação, do Desenvolvimento e do Aconselhamento orientada pelo Professor Doutor Pedro Urbano e apresentada Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.

Julho de 2023

Agradecimentos

Agradeço ao Professor Doutor Pedro Urbano pela excelente orientação, disponibilidade e encorajamento em todos os momentos.

Aos meus amigos e colegas, pela presença, pelo apoio e pelo otimismo.

E, por último, agradeço à minha família, por ser um porto-seguro e uma fonte inesgotável de apoio, sem o qual estes anos não seriam possíveis.

Expectativas de Futuro Vocacional na “Aduldez Emergente”: Estudo Exploratório

Resumo:

A investigação desenvolvida nesta dissertação centra-se na teoria de Jeffrey Arnett (2000, 2004, 2015), na qual sugere que as grandes mudanças socioeconómicas do século XXI, provocaram o prolongamento do processo de transição para a idade adulta, que, por sua vez, deu origem a uma nova fase de desenvolvimento, com características distintas, intitulada de Aduldez Emergente.

Através de um estudo exploratório, desenvolvido a partir de uma amostra heterogénea, composta por 38 sujeitos, com idades compreendidas entre os 19 e 29 anos, procurou-se conhecer de que forma esta fase é vivenciada no contexto português. Para tal, foi elaborada uma entrevista, composta por doze secções, com o intuito de analisar dados sociodemográficos como o histórico académico, os gostos/valores profissionais, os planos e expectativas para o futuro, bem como as relações interpessoais, tendo em conta as dimensões da Aduldez Emergente. Adicionalmente, com o objetivo de complementar a informação obtida, aplicou-se a versão revista do Questionário de Interesses Vocacionais (QIV-R), (J. Tomás da Silva (2007/2010)).

Os resultados obtidos permitiram concluir que, apesar de os elementos da amostra apresentarem expectativas vocacionais positivas, os seus níveis de otimismo em relação ao seu futuro profissional revelam-se inferiores aos níveis observados por Arnett (2014) nesta fase de desenvolvimento. Verificou-se também que a maior parte dos sujeitos da amostra aparentam estar a viver na idade da Aduldez Emergente, apresentando todas as características distintas desta fase. Contudo, é importante notar que esta amostra apresenta um grupo minoritário de sujeitos que se destacam dos restantes ao não apresentar as mesmas características, apesar de integrarem o mesmo contexto cultural e sociodemográfico.

Palavras-chave: aduldez emergente, desenvolvimento, ensino superior, expectativas vocacionais

Expectations of Vocational Future in “Emerging Adulthood”: Exploratory Study

Abstract:

The investigation developed in this dissertation focuses on the theory of Jeffrey Arnett (2000,2004,2015), in which he suggests that the great socioeconomic changes of the 21st century, provoked the prolongation of the process of transition to adulthood, which in turn, gave rise to a new phase of development, with distinctive characteristics, called Emerging Adulthood.

Through an exploratory study, developed from a heterogeneous sample, composed of 38 subjects, aged between 19 and 29 years, we sought to find out how this phase is experienced in the Portuguese context. To this end, an interview was prepared, consisting of twelve sections, with the aim of analyzing sociodemographic data, such as academic history, professional tastes/values, plans and expectations for the future, and interpersonal relationships, taking into account the dimensions of emerging adulthood. Additionally, to complement the information obtained, the revised version of the Vocational Interests Questionnaire (QIV-R) (J. Tomás da Silva (2007/2010)) was applied.

The results obtained allowed us to conclude that although the sample elements have positive vocational expectations, their levels of optimism in relation to their professional future are lower than the levels observed by Arnett (2014) in this development phase. It was also found that most of the sample elements appear to be living in Emerging Adulthood, showing all the distinct characteristics of this phase. However, it is important to note that this sample presents a minority group of subjects, who stand out from the rest, as they do not have the same characteristics, despite being part of the same cultural and sociodemographic context.

Keywords: emerging adulthood, development, higher education, vocational expectations

Índice

Introdução.....	6
I- Enquadramento Concetual	7
1. A Aduldez Emergente	7
2. A Aduldez Emergente em Portugal.....	9
3. Expectativas Vocacionais e a Transição do Estudo para o Trabalho, na Aduldez Emergente.....	11
4. A Teoria das Personalidades e Ambientes Vocacionais de John Holland	14
II- Objetivos.....	16
III- Metodologia	16
1. Procedimentos adotados	16
2. Instrumentos utilizados.....	17
2.1. Entrevista	17
2.2. Questionário de Interesses Vocacionais- Revisto (QIV-R, Tomás da Silva 2007, 2010)	19
3. Amostra.....	20
IV- Apresentação e Análise dos Resultados	25
1. Características da Aduldez Emergente.....	25
2. Percurso Escolar	30
3. Preferências e Valores Profissionais	34
3.1. Características Profissionais	34
3.2. Resultados da Aplicação do Questionário de Interesses Vocacionais (QIV-R).....	37
4. Expectativas Vocacionais e o Ensino Superior.....	39
5. Expectativas e Planos para o futuro	42
6. Relações familiares.....	44
V- Discussão e Conclusões.....	51
VI- Considerações finais.....	57
VII- Bibliografia	59
VIII- Anexos	63
Anexo A- Entrevista (Versão Final).....	63
Anexo B- Entrevista (Versão Beta).....	82
Anexo C- Resultados da satisfação com o suporte parental	85
Anexo D- QIV-R.....	86
Anexo E- QIV-R(Chave).....	88
Anexo F- Resultados da aplicação do QIV-R.....	90

Introdução

A presente dissertação foi realizada no âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia, na área de pré-especialização Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, e tem como principal objetivo contribuir para o conhecimento das experiências, expectativas e objetivos dos jovens universitários na sua transição de estudante para trabalhador, através de um estudo exploratório, tendo como referência a teoria da Aduldez Emergente de J. J. Arnett (2000, 2004, 2015).

A amostra do estudo é constituída por 38 estudantes universitários, com idades compreendidas entre os 19 e os 29 anos que frequentam a Universidade de Coimbra.

A narrativa do presente trabalho divide-se em oito partes distintas, sendo que a primeira corresponde à conceptualização e enquadramento da Aduldez Emergente, a abordagem das várias dimensões desta temática, e da Teoria das personalidades e ambientes vocacionais de John Holland. Seguindo-se os objetivos do estudo, a caracterização da amostra e dos procedimentos utilizados, a discussão e análise dos resultados, de acordo com a revisão de literatura, terminando com as respetivas considerações finais e anexos.

I- Enquadramento Concetual

1. A Aduldez Emergente

Há 23 anos, Jeffrey Jensen Arnett propôs uma nova fase do ciclo de desenvolvimento humano denominada de “Aduldez Emergente”. Baseado nos seus estudos junto com a população americana, Arnett explica que este período de vida compreendido entre o fim da adolescência e o início da idade adulta, é um período de transição, uma época rica, complexa e dinâmica, dotada de características distintas que merece o seu destacamento entre os outros períodos de vida (Arnett, 2000, 2004, 2015)

De acordo com Arnett (2000), o rápido desenvolvimento tecnológico e socioeconómico das sociedades industrializadas oferece um contexto de vida cada vez mais diferente aos seus jovens. O aumento da qualidade de vida, a estabilidade social, e o progresso tecnológico nas indústrias alteraram as necessidades destes países. A esperança média de vida, a escolaridade obrigatória, a idade de casamento, de início da parentalidade, bem como a idade de aposentação aumentaram nos últimos anos. As ofertas de trabalho disponíveis estão cada vez mais ligadas à indústria dos serviços que necessita de mão de obra mais especializada e capacitada. Assim, a sociedade já não espera que os seus jovens tomem todas as responsabilidades de adulto mal atinjam a maioridade, em vez disso, permite-lhes que as obtenham de uma forma mais gradual. Isto resulta numa maior liberdade para tomar decisões e explorar as possibilidades que o futuro apresenta (Arnett, 2004, 2015, 2018).

Contudo, esta liberdade não é absoluta. Embora tenham mais controlo sobre as suas escolhas, estes jovens ainda não são totalmente independentes como um adulto. Muitas vezes dependem dos progenitores para certos aspetos da sua vida, principalmente para questões financeiras. Assim, os adultos emergentes tendem a apresentar uma independência relativa (Arnett, 2000).

A Aduldez Emergente começa aproximadamente aos 18 anos, quando a maior parte dos jovens terminam a escolaridade obrigatória e obtêm a maioridade civil. Termina quando os jovens começam a fazer os compromissos fixos que marcam a Aduldez, tal como o casamento ou a

paternidade. No entanto, de acordo com o autor, estes marcos podem variar dependendo da situação de cada jovem. Assim, apesar de inicialmente ter denominado os 25 anos como o limite superior da Adulter Emergente, Arnett modificou esse limite para os 29 anos, para melhor representar a realidade internacional deste período (Arnett, 2014).

Segundo Arnett (2004, 2015), os jovens tendem a apresentar 5 características distintas durante a Adulter Emergente, a “Exploração da identidade”, a “Instabilidade”, o “Autofoco”, o “Sentimento de «In-between»” e “Possibilidades/otimismo”. Porém, Arnett, também explica que estas características não são únicas a este período nem se apresentam de uma forma universal em todos os adultos emergentes.

Assim, Adulter Emergente é vista como a idade de “Exploração da identidade”, pois permite a estes jovens uma maior liberdade de exploração das diferentes opções de vida, sejam estas no âmbito educativo, profissional ou amoroso. Esta experimentação permite que os adultos emergentes aprendam mais sobre si próprios, respondendo de uma forma mais séria e focada a questões sobre a sua identidade, os seus gostos, as suas crenças, os seus valores, as suas capacidades e as suas limitações (Arnett, 2015).

A exploração faz com que a vida dos jovens esteja sempre em constante revisão, o que torna Adulter Emergente num período de “Instabilidade”. Esta instabilidade regista-se sempre que estes jovens tomam uma decisão e esta acaba num insucesso ou desapontamento, o que os leva a reavaliar e modificar essa decisão inicial. Assim, podem surgir muitas situações de interrupção do percurso escolar, mudanças de curso, de habitação e de parceiro amoroso (Arnett, 2015).

Esta constante tomada de decisões independentes faz com que a Adulter Emergente seja uma idade de “Autofoco”. Este foco em si permite aos jovens conhecer melhor quem são e o que querem da vida. Um aspeto importante para a tomada de compromissos e o desenvolvimento de relações duradoras (Arnett, 2015).

A Adulter emergente também se caracteriza como a idade das “Possibilidades e Otimismo”. Livre de grandes compromissos e responsabilidades, este período oferece aos Adultos Emergentes a

possibilidade de mudar o rumo das suas vidas. Apresentados com um potencial universo de possibilidades, estes jovens tendem a ter altas esperanças e expectativas sobre o seu futuro (Arnett, 2015).

Por último, esta é a idade em que os jovens não se identificam nem como adolescentes, nem como adultos, sentem-se “In-between”. Sentem que estão num período de transição, que estão em curso para obter todas as classificações necessárias para chegar à idade adulta (Arnett, 2015).

É importante realçar que esta teoria de Arnett é igualmente louvada e criticada pela comunidade científica (Syed M., 2016). Para Arnett, ambas as reações são bem recebidas, uma vez que a Adulter Emergente, tal como os indivíduos que descreve, é uma teoria em desenvolvimento, não acaba com as suas 5 principais características. Segundo o autor, existem várias formas de Adulter Emergente, cada uma influenciada e moldada por diferentes contextos sociais, culturais e económicos. O facto de que este período pode ser experienciado, de formas diferentes, por dois jovens distintos, não impede, que ambos sejam adultos emergentes, apenas demonstra a heterogeneidade deste período (Arnett, 2006; Arnett, 2014; Arnett, 2016).

2. A Adulter Emergente em Portugal

Durante as últimas décadas, Portugal tem assistido a um progressivo aumento das idades de casamento e de nascimento do primeiro filho, assim como no prolongamento da escolaridade e da transição para o mercado de trabalho (FFMS in PORDATA, 2022). Como mencionado no ponto anterior, estas são características que proporcionam a manifestação da fase da Adulter Emergente, um período de exploração independente para os jovens. Neste sentido, torna-se importante o estudo de como este período é expresso pelos jovens portugueses.

Segundo as investigações de autores como Ferrera & Jorge (2008) e Mendonça *et al.*, (2009), os Adultos Emergentes portugueses não definem a Adulter em termos tradicionais, baseados em parâmetros biológicos, legais e sociais, mas sim, em termos mais interiores, ligados a marcadores de maturidade psicológica. Os mesmos autores apontam como principais características da idade adulta, “a capacidade de assumir

responsabilidades, a independência económica, o amadurecimento interior, e a autonomia na tomada de decisões” (Ferrera & Jorge, 2008, p 167).

No entanto, durante este período, os jovens portugueses não se consideram adultos em todas as dimensões da sua vida (Ferrera & Jorge, 2008). O trajeto para a idade adulta passa agora por uma fase de indeterminação, que muitas vezes implica o apoio dos progenitores em termos financeiros e habitacionais, (Brandão *et al.*, 2012; Mendonça *et al.*, 2009).

De acordo com Brandão *et al.*, (2012), as características socioculturais portuguesas, o prolongamento do percurso escolar, e a instabilidade do mercado de trabalho, fomentam o adiamento da saída da casa dos pais. Assim, o autor considera que os adultos emergentes portugueses, vivem o período de exploração e instabilidade, característico desta fase de desenvolvimento, dentro da família de origem, aumentando as exigências entre as relações do sistema familiar.

Se por um lado os progenitores portugueses acreditam que o prolongamento da estadia em casa é vantajosa para os seus filhos, proporcionando-lhes um ambiente protegido, com níveis consideráveis de suporte, autonomia e liberdade (Saraiva & Matos, 2015), por outro, os adultos emergentes portugueses veem este prolongamento como um “comportamento de *coping*, voluntário e pragmático, usado como uma estratégia de combate à incerteza, até atingirem independência económica” (Andrade, 2010; Moreno, *et al.*, 2012; Oliveira & Fontaine 2012; citados por Saraiva & Matos, 2015, p 120).

As investigações junto da população portuguesa concluem que os jovens na fase de transição para a idade adulta acreditam que este período da vida é processado em duas fases: uma primeira fase de experimentação e aventura, isenta de grandes responsabilidades, seguida por uma fase de estabilidade, compromissos e responsabilidades, onde os projetos familiares começam a ser implementados (Guerreiro & Abrantes, 2004; 2007; citados por Saraiva & Matos, 2015, p.120).

Assim, a transição para idade adulta é vista como um período extenso que se inicia após o fim da adolescência, período durante o qual

se procura que os jovens disfrutem da vida de uma forma descontraída e descomprometida, terminando com a chegada dos 30 anos, quando os jovens portugueses acreditam que vão estabilizar a sua vida, de acordo com os padrões de vida mais convencionais, e assumir compromissos duradouros. Esta visão da juventude portuguesa, parece ser uma manifestação, da Adulter Emergente, a fase de desenvolvimento, conceptualizada por Arnett a partir da sociedade norte americana (Mendonça *et al.*, 2009).

3. Expectativas Vocacionais e a Transição do Estudo para o Trabalho, na Adulter Emergente

Nas últimas décadas, o mercado de trabalho tem sofrido grandes alterações, tornando-se cada vez mais claro para a sociedade que uma boa educação pode fazer a diferença quando se está à procura de emprego. A percepção de que quanto mais elevado o grau de educação, maior a probabilidade de acesso a melhores condições de trabalho, tornou o percurso educativo mais apelativo para os jovens (Arnett, 2015; Marshall & Butler, 2016; Severy, 2018).

Segundo Arnett (2015), os adultos emergentes valorizam mais a sua educação nesta fase do que durante o ensino secundário, esforçando-se para trabalhar ativamente, alcançar bons resultados e, desta forma, procurar atingir uma boa carreira profissional.

Embora exista uma tendência de valorização da educação durante esta fase, nem todos os adultos emergentes entram no ensino superior com o nível de autocontrolo, autodisciplina e responsabilidade necessários para lidar com as novas liberdades, às quais, acabaram de ganhar acesso. Segundo Arnett (2015), muitos jovens têm tendência para faltar às aulas, não completar as tarefas curriculares e privilegiar a vida noturna.

Da mesma forma, nem todos os adultos emergentes entram no ensino superior convictos que estão no curso certo. Muitas vezes os jovens não estão preparados para entrar no ensino superior, e ainda se sentem muito imaturos para tomar decisões finais/comprometedoras, tal como a escolha de uma carreira. A sua identidade ainda não está determinada, logo ainda não sabem o que querem fazer com a sua vida (Arnett, 2015).

Assim, segundo Arnett (2015), a situação financeira dos jovens, em conjunto com os aspetos indicados previamente, são as principais razões que podem levar um estudante a desistir ou ser expulso de uma universidade.

Contudo, é importante realçar que o contexto educacional da sociedade americana, a partir do qual Arnett estudou esta fase, não é representativo do resto do mundo, cada país tem um sistema educacional diferente, desenhado para as suas necessidades populacionais.

Torna-se então relevante saber as diferenças entre o sistema educativo americano e o sistema educativo europeu. De acordo com Stephen Hamilton (citado por Arnett, 2015, p.155), o sistema educativo europeu apresenta altos níveis de *Transparência* e baixos níveis de *Permeabilidade*, ou seja, neste sistema educativo os jovens têm um maior conhecimento sobre que tipo de rotas de formação educativa levam às diversas profissões. Mas, quando escolhem uma rota, o sistema dificulta a possibilidade de alterar essa escolha. Já o sistema educacional americano apresenta altos níveis de *Permeabilidade* e baixos níveis de *Transparência*, ou seja, neste sistema educativo, os jovens apresentam um baixo nível de conhecimento sobre quais rotas de formação educativa que levam as diferentes profissões. Contudo, o sistema facilita a exploração das várias áreas profissionais dentro do ensino superior, permitindo aos jovens alterar de curso, quantas vezes for necessário, para encontrarem a sua vocação profissional.

Segundo Arnett (2015), o sistema educativo americano é mais favorável aos adultos emergentes, permitindo-lhes expressar ao máximo as características desta fase de desenvolvimento.

Para grande parte dos adultos emergentes, o ensino superior é mais do que uma formação vocacional, é uma oportunidade para desfrutar a vida com novas amizades e romances, para ser inspirado com novas ideias, por temas e professores cativantes. Estudos na área mostram que, a simples frequência no ensino superior, fomenta o crescimento pessoal e intelectual dos adultos emergentes, independentemente da sua idade, sexo ou classe social. As vivências académicas, em conjunto com a experiência de viver sozinho e aprender a assumir responsabilidades, fazem com que os jovens,

desenvolvam uma identidade distinta, com valores éticos e intelectuais mais claros. Que se tornem menos dogmáticos, autoritários e etnocêntricos em relação às suas visões políticas e sociais. Permite que ganhem mais confiança nas suas capacidades sociais e melhorem o seu autoconceito e bem-estar psicológico (Pascarella e Terenzini, citados por Arnett, 2015, p.160). Em suma, o ensino superior, ajuda os adultos emergentes a criar/ganhar a maturidade da idade adulta.

Depois de obterem o seu diploma, as expectativas dos adultos emergentes em relação ao mundo do trabalho aumentam. O trabalho passa de uma simples fonte para obter dinheiro, para um meio que lhes vai permitir explorar e expressar a sua identidade (Arnett, 2015; Severy, 2018) levando a que os adultos emergentes continuem a mudar de emprego até encontrarem o local certo para expressarem a sua individualidade.

Segundo Severy (2018), os adultos emergentes procuram organizações com uma boa cultura, com metas ligadas a causas importantes e significativas, que contribuam para mudanças positivas no mundo. Desejam trabalhar em ambientes amigáveis, seguros, criativos, com respeito mútuo entre funcionários e uma liderança de suporte. Querem uma carreira com um bom balanço vida-trabalho, com oportunidades para aprender, crescer, avançar e ganhar responsabilidades. De acordo com Berger (2016, citado por Severy, 2018, p.77), o número de organizações distintas onde os jovens trabalham nos primeiros cinco anos após a saída do ensino superior duplicou nos últimos 20 anos.

Nem todos os adultos emergentes encontram o seu trabalho ideal, de uma forma instantânea, normalmente os adultos emergentes, desenvolvem as suas carreiras, a partir de quatro formas diferentes, nomeadamente: Através de experiências extracurriculares que despertaram um interesse, tal como trabalhos part-time ou estágios profissionais; A partir de trajetos profissionais previamente traçados, tal como seguir a profissão dos pais; Através da exploração das suas opções de trabalho “B”, depois a opção “A” tornar-se não viável, tal como atletas que sofrem lesões graves e são obrigados a deixar o desporto; E por fim, há aqueles adultos emergentes que descobrem que a sua carreira de sonho não é o que imaginavam e começam a repensar o que querem fazer na vida, como por exemplo,

pessoas que deixam o trabalho para se dedicar a obras de fé e caridade (Severy, 2018).

Desta forma, segundo Greenleaf (2014, citado por Severy, 2018, p. 80) e Marshall & Butler (2016), os adultos emergentes que praticam comportamentos positivos para a construção de uma carreira, como *networking*, trabalhos part-time, estágios profissionais e consultas de aconselhamento de carreira, amentam significativamente as suas hipóteses de encontrar um trabalho ideal para si.

Contudo, por vezes, a exploração dos adultos emergentes pode-se tornar cansativa, quando uma quantidade sucessiva de experiências se revelam desapontantes, o otimismo e o entusiasmo pela procura do trabalho ideal podem desvanecer, e os adultos emergentes acabam apenas rodeados pela instabilidade e pela incerteza. Este estado pode levar a uma crise de identidade intitulada “a crise da quarta idade”, onde os adultos emergentes ficam perdidos e estagnados, sem saber o que realmente querem fazer com a vida (Arnett, 2015).

As altas expectativas podem afetar negativamente as perspetivas de trabalho dos adultos emergentes, os trabalhos que conseguem podem ficar sempre aquém do seu ideal. Já os adultos emergentes que conseguiram um trabalho que gostam, podem mudar de ideias com o passar do tempo. O trabalho que têm pode se tornar cansativo, os seus interesses podem mudar, ou podem simplesmente decidir que conseguem encontrar um trabalho ainda melhor do que já têm (Arnett, 2015).

Por fim, Arnett (2015) conclui que adultos emergentes que se conhecem bem e desenvolvem uma ideia clara de quais são suas habilidades e o que querem fazer, estão mais bem preparados para tomar decisões de carreira enquanto adultos.

4. A Teoria das Personalidades e Ambientes Vocacionais de John Holland

A Teoria das personalidades e ambientes vocacionais de John Holland explica que as características e as preferências pessoais de um indivíduo influenciam a sua escolha e o seu ajustamento a uma profissão. (Spokane & Cruza-Guet, 2005). Segundo Holland (1973, 1985, 1997), as pessoas apresentam padrões consistentes de características e preferências

personais, assim como padrões de interação com os ambientes vocacionais, que correspondem a tipos de personalidade distintos.

De acordo com o mesmo autor, existem seis tipos diferentes de personalidades vocacionais: Realista (R), Investigador (I), Artístico (A), Social (S), Empreendedor (E) e Convencional (C), frequentemente representados pelo o acrónimo RIASEC. Cada tipo apresenta um conjunto único de comportamentos, gostos, interesses, e valores diferentes (Nauta, 2020).

A personalidade de uma pessoa é derivada da combinação dos níveis de interesse que apresenta a cada um dos tipos de personalidades RIASEC. Contudo, cada pessoa tende a apresentar uma preferência por um ou mais tipos. Esse padrão de interesse é tipicamente chamado de Subtipo, normalmente representado por um código, composto pelos três tipos com maiores níveis de interesse (Spokane & Cruza-Guet, 2005).

Segundo a teoria, os ambientes vocacionais e educacionais podem ser categorizados de acordo com os seis tipos RIASEC, tal como as personalidades das pessoas (Nauta, 2020). Os tipos podem ser organizados num formato hexagonal que permite analisar a relação, entre os tipos dentro de um subtipo, e entre um subtipo de uma pessoa e o seu ambiente vocacional. A posição de cada tipo permite ainda analisar os quatro constructos desta teoria: a Congruência, a Consistência, e Diferenciação e a Identidade (Spokane, *et al* A. R., Luchetta, E. J., & Richwine, M. H., 2002).

A Congruência refere-se ao grau de ajustamento entre a personalidade de uma pessoa e o ambiente vocacional que esta integra ou espera integrar (Spokane & Cruza-Guet, 2005). Quanto mais similares forem os subtipos de personalidade e de ambiente vocacional de uma pessoa, maior será a congruência entre eles (Nauta, 2020).

A Consistência mede o grau de consistência interna entre os diferentes tipos de personalidade dentro de um subtipo de uma pessoa. Quanto mais próximos estiverem os tipos na forma hexagonal, maior será a quantidade de aspetos em comum, logo maior será a Consistência entre eles (Nauta, 2020).

A Diferenciação refere-se ao nível de distinção do grau de interesse,

entre os vários tipos, dentro do subtipo de personalidade de uma pessoa. Quanto maior for a distinção dos valores de interesse, entre os tipos, dentro de um subtipo, maior será a Diferenciação. Pelo contrário, se os valores de interesse forem iguais entre os vários tipos de personalidade, dentro de um subtipo, este vê-se como, Indiferenciado (Nauta, 2020).

Por fim, a Identidade, refere-se ao grau de percepção e convicção que uma pessoa tem em relação aos seus objetivos, os seus interesses e as suas competências. Quanto mais forte e clara for a identidade de uma pessoa mais fácil será a sua escolha vocacional (Nauta,2020).

De notar, que o construto da Identidade se encontra profundamente ligado aos outros construtos (Spokane & Cruza-Guet, 2005). Se uma pessoa não consegue identificar os seus interesses, não é possível obter um perfil de personalidade claro.

II- Objetivos

Este estudo procura contribuir para o conhecimento das experiências, expectativas e objetivos de Adultos Emergentes universitários na sua transição de estudante para trabalhador. Tendo em conta as dimensões principais da Adulter Emergente, identificadas por Jeffrey Arnett (2004, 2015), procuramos perceber as expectativas dos estudantes universitários em relação ao seu futuro profissional. Para tal, analisaram-se questões relacionadas com o seu percurso escolar, as suas experiências, os seus interesses/valores, os planos para o futuro, os relacionamentos familiares, e a sua perspetiva do que é ser um adulto.

III- Metodologia

Nesta secção descrevemos as diferentes etapas adotadas na sequência desta investigação. Em primeiro lugar, descrevemos os procedimentos adotados durante este estudo. De seguida, são descritos os instrumentos utilizados. Por fim, é apresentada a caracterização da amostra estudada.

1. Procedimentos adotados

O presente estudo iniciou-se com a elaboração do protocolo de

investigação composto por uma entrevista estruturada, mais tarde adaptada para o formato digital, a partir da plataforma “Google Forms”, devido à Pandemia Covid-19, cujas restrições impediram a sua realização em modo presencial.

Dado que a entrevista é composta por questões de resposta aberta, foi testada uma primeira versão (Anexo B) com vista a avaliar a compreensão das questões por parte do público-alvo. O grupo de teste-piloto era composto por 6 participantes, 4 do sexo feminino e 2 do sexo masculino. Depois da análise das respostas obtidas, procedeu-se à reformulação de algumas questões, bem como à adição de 5 novas secções, de forma a aumentar o tipo de informação obtida. Uma das secções adicionadas foi a aplicação do Questionário de Interesses Vocacionais-Versão Revista (Tomás Silva 2007, 2010), com o objetivo de obter o código de personalidade profissional RAISEC de Holland, de cada um dos participantes. Para tal, foi obtida a autorização do autor para a aplicação e adaptação digital do instrumento.

Depois de concluída a fase de estruturação e organização do protocolo, deu-se início à recolha dos dados. Durante o processo de recolha e tratamento dos dados, foram garantidas as condições de anonimato e confidencialidade de todos os participantes. A população-alvo deste estudo foi recrutada a partir da plataforma informática *Facebook*, entre o dia 11 de maio e o dia 29 de julho de 2021. Desta população, extraiu-se uma amostra de conveniência não representativa.

Os dados obtidos foram inseridos numa base de dados do programa SPSS versão 27.0 e posteriormente analisados.

2. Instrumentos utilizados

2.1. Entrevista

A entrevista era composta por vários tipos de questões incluindo de respostas de escolha múltipla, dicotômica, matriz e resposta aberta. As perguntas estavam organizadas em doze secções (Anexo A). Na primeira secção, foi pedido aos sujeitos que respondessem a questões sociodemográficas, de modo a obter informação que permita caracterizar o seu perfil e o da sua família.

A segunda secção era dedicada a conhecer melhor a posição dos

sujeitos em relação às características principais da Adulter Emergente (“Exploração da identidade”, “Instabilidade”, “Autofoco”, “Possibilidades/otimismo” e o “Sentimento de «In-between»”) e à forma como estas características são percebidas e experienciadas. As questões foram formuladas de forma a obter respostas abertas, para influenciar os sujeitos a explicar a sua perceção em relação às suas vivências durante esta fase, *e.g* “Consideras estar a viver uma fase de exploração/procura/busca? Porquê?”, “Consideras estar a viver uma fase de instabilidade/mudanças na tua vida? Porquê?”, “Consideras estar a viver uma fase de foco em ti próprio/a? Porquê?”, “Consideras estar a viver uma época/fase cheia de possibilidades? Porquê?”, “Consideras ser um adulto? Porquê?”.

Depois procurou-se conhecer melhor o percurso académico dos participantes, *e.g* “Quais foram as razões que te levaram a seguir os estudos no ensino superior?”, “Quais as razões que te levaram a escolher o curso que frequentas?”, “O curso que frequentas foi a tua primeira opção?”, “Alguma vez mudaste de curso?”. Em seguida foi pedido aos sujeitos que contassem um pouco sobre as suas atividades extracurriculares, *e.g* “Alguma vez fizeste um trabalho part-time?”, “Alguma vez fizeste voluntariado?”, “Alguma vez fizeste um estágio na tua área de estudo?”, e sobre os seus gostos e valores profissionais, *e.g* “Na tua opinião, quais são as características que um trabalho deve ter para o considerares o teu trabalho ideal?”, “Na tua opinião, quais são as características que tornam um trabalho gratificante?”, “Qual seria para ti o teu trabalho de sonho? Porquê?”.

Na sexta secção, procurou-se conhecer os planos e expectativas de futuro dos participantes, *e.g* “Que expectativas tens para o resto do teu percurso no ensino superior?”, “Quais as expectativas que tens em relação à tua vida profissional após sair da Universidade?”, “Tens um plano de ação desenhado para o teu futuro?”, “Quais são as maiores preocupações que tens em relação ao teu futuro profissional?”.

Por último, os participantes foram convidados a partilhar com a equipa um pouco sobre como as suas relações familiares evoluíram com a entrada no ensino superior, *e.g* “Consegues fazer uma estimativa da frequência com que falas com os teus pais?”, “Qual foi a reação dos teus

pais à tua decisão em prosseguir o estudo ao nível superior/universitário?”, “O teu relacionamento com os teus pais sofreu mudanças significativas (positivas e/ou negativas) após a entrada na universidade?”.

2.2. Questionário de Interesses Vocacionais- Revisto (QIV-R, Tomás da Silva 2007, 2010)

O Questionário de Interesses Vocacionais(QIV), desenvolvido por José Manuel Tomás da Silva, é um instrumento de avaliação dos interesses vocacionais, e foi contruído com base na teoria das personalidades vocacionais e dos ambientes profissionais de Holland (Silva 2006, p.80).

A teoria de Holland defende, que as características pessoais de um individuo influenciam as suas escolhas vocacionais, as interações e o processo de ajustamento que este tem a uma profissão (Spokane & Cruza-Guet, 2005). Assim, ao avaliar os interesses vocacionais de um sujeito podemos de forma indireta avaliar a sua personalidade (Silva, 2006). Como já foi referido anteriormente, segundo esta teoria, existem seis tipos diferentes de personalidade, nomeadamente, “Realista”, “Investigador”, “Artístico”, “Social”, “Empreendedor” e “Convencional”. Cada um destes tipos apresenta comportamentos, gostos, interesses, e valores diferentes. Segundo Holland, todas as pessoas se assemelham a um ou mais tipos de personalidade, permitindo atribuir a cada pessoa um código perfil a partir dos tipos da escala “R.A.I.S.E.C.” (Spokane & Cruza-Guet, 2005).

Segundo Silva (2006), o QIV distingue-se, entre os vários instrumentos de avaliação dos interesses vocacionais em Portugal, por ser um instrumento multivalente, de aplicação breve e fácil cotação, que pode ser aplicado tanto no âmbito de intervenção de carreira como no campo de investigação.

Os itens deste instrumento foram construídos de acordo com as características psicológicas específicas de cada tipo de personalidade proposto por Holland. Cada item, é composto por uma possível saída profissional, acompanhada por uma breve descrição das principais tarefas realizadas nessa profissão. Ao longo do instrumento os itens aparecem organizados consoante a posição de cada tipo de personalidade na escala “RIASEC”. A versão original do instrumento é composta por 60 itens, com 10 itens a representar cada tipo de personalidade, já na versão revista o

número de itens foi reduzido para 30, com apenas 5 itens a representar cada tipo de personalidade (Silva, 2006; Silva, 2014).

No presente estudo foi utilizada a versão revista do Questionário de Interesses Vocacionais (Anexo D; Anexo E).

Ao longo do questionário os sujeitos apresentaram as suas respostas numa escala de Lickert com 5 intervalos (1- desagrada muito; 2- desagrada; 3- nem agrada, nem desagrada; 4- agrada; e 5- agrada muito). Os valores de cada escala de tipo de personalidade são obtidos a partir da soma dos resultados de todos itens que pertencem a cada tipo, podendo variar entre 5 e 25. Quanto maior for o valor obtido, maior é a preferência do sujeito pelas atividades relacionadas com esse tipo de personalidade (Silva, 2006; Silva, 2014). Os resultados do instrumento podem ser analisados de acordo com os intervalos da escala de Lickert utilizada nas respostas. Para adaptar os valores obtidos aos parâmetros de Lickert, apenas é necessário dividir os resultados de cada escala, pelo número de itens que a compõe (Silva, 2014).

O instrumento foi implementado com o objetivo de obter um código perfil “RAISEC” para cada um dos sujeitos da amostra. Como forma de facilitar a sua aplicação, o instrumento foi adaptado para o formato digital via a plataforma “Google Forms”. Para aumentar a legibilidade do instrumento neste formato, este foi dividido em três partes, compostas por 10 questões, apresentadas de forma sucessiva (cf. Anexo A). A adaptação foi previamente aprovada pelo autor do instrumento, antes da sua aplicação.

3. Amostra

A amostra é constituída por 38 estudantes da Universidade de Coimbra, com idade compreendida entre os 19 e os 29 anos, de acordo com os parâmetros de idade definidos por Arnett (2014). Dos 38 sujeitos, 27 identificam-se com o *sexo feminino* (71,1%), 10 identificam-se com o *sexo masculino* (26,3%) e 1 identifica-se como *não-binário* (2,6%). Relativamente à média das idades dos sujeitos, verificou-se que se encontra nos 23 anos com um desvio-padrão de 2,32. É importante realçar que, embora as idades dos participantes estejam compreendidas entre os

19 e os 29 anos, cerca de 55% da amostra apresenta-se com idade entre os 21 e os 23 anos (ver Tabela 1).

No que diz respeito ao estado civil, apenas um dos participantes declara encontra-se numa “relação amorosa séria”, os restantes participantes apresentam-se como “solteiro”.

Tabela 1: Sexo e idade

Sexo	N	%
Masculino	10	26,3
Feminino	27	71,1
Não-Binário	1	2,6
Total	38	100
Idade		
18	0	0
19	2	5,3
20	3	7,9
21	7	18,4
22	7	18,4
23	7	18,4
24	5	13,2
25	2	5,3
26	1	2,6
27	3	7,9
28	0	0
29	1	2,6
Total	38	100

Tabela 2: Ano Letivo Frequentado

Q20: “Ano que frequentas?”	N	%
1º ano licenciatura	2	5,3
2º ano licenciatura	6	15,8
3º ano licenciatura	4	10,5
4º ano licenciatura	3	7,9
1º ano mestrado	9	23,7
2º ano mestrado	13	34,2
1º ano doutoramento	1	2,6
Total	38	100

Relativamente à situação académica, como foi mencionado acima, os participantes são membros do corpo estudantil da Universidade de Coimbra, tendo ingressado no ensino superior entre os anos de 2011 e 2020. Dentro do grupo de participantes 18 (47,4%) frequentava a área de estudos de ciências e tecnologias, 19 (50%) frequentava a área de línguas e humanidades, e o restante participante acedeu ao ensino superior via um curso profissional.

Segundo os dados, 24 (63,2%) dos participantes pertence à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, 6 (15,8%) à Faculdade de Ciências e Tecnologias, 5 (13,2%) à Faculdade de Direito e 3 (7,8%) à Faculdade de Economia. Os participantes encontram-se ainda distribuídos por nove cursos universitários diferentes, nomeadamente Psicologia,

Direito, Gestão, Sociologia, Engenharia Informática, Relações Internacionais, Ciências da Educação, Serviço Social e Antropologia.

De acordo com a Tabela 2, mais de 57% dos participantes encontram-se a realizar um mestrado, dos restantes, 15 estão a fazer uma licenciatura e 1 está a iniciar o doutoramento. Dos 38 participantes, mais de 15% dizem estar a trabalhar enquanto estuda, sendo que destes 4 trabalham a tempo parcial e 2 dizem trabalhar a tempo inteiro. Dentro da amostra, 15 sujeitos dizem, ter o estatuto de estudante bolseiro e apenas 1 declara ser detentor do estatuto de trabalhador estudante.

Tabela 3: Situação de Habitação

Q24" A entrada no Ensino Superior implicou a tua saída de casa?"	N	%
Sim	32	84,2
Não	6	15,8
Total	38	100
Q25"Se Sim, encontras-te a viver?"		
Numa residência universitária	12	31,6
Sozinho num apartamento	2	5,3
Num apartamento com outros estudantes	15	39,5
Numa casa/apartamento com familiares	3	7,9
Respondeu "Não"	6	15,8
Total	38	100

Em relação à situação de habitação (cf. Tabela 3), foi possível verificar que durante o ano letivo cerca de 84% dos sujeitos não reside com o agregado familiar. Destes, a maior parte escolhe viver de uma forma acompanhada, seja num apartamento com outros estudantes, numa residência universitária ou com familiares afastados. Apenas uma pequena parte vive num apartamento sozinho.

Tabela 4: Apoio Financeiro

Q26"Quem suporta as tuas despesas?"	N	%
Eu	6	15,8
Eu com a ajuda de Apoios Sociais	3	7,9
Pais/Família	24	63,2
Pais/Família com a ajuda de Apoios Sociais	5	13,2
Total	38	100,0

Em termos de independência financeira (cf. Tabela 4), cerca de 76%

dos sujeitos afirma que recebe total apoio financeiro dos pais e/ou familiares, com apenas 13,2% a beneficiar de apoios sociais. Comparativamente, 23,7% dos participantes afirma estar completamente responsável pelas suas finanças. Destes, apenas 3 declaram beneficiar de apoios sociais.

No que respeita aos progenitores dos participantes, estes têm idades compreendidas entre os 43 e os 67 anos. Os pais dos participantes apresentam a idade média de 55 anos com um desvio padrão de 5,5, já as mães apresentam uma idade média de 52 anos com um desvio padrão de 5,4. Relativamente ao estado civil dos progenitores, mais de 67% dos participantes reportaram que os seus pais estão casados, sendo que a maior parte deste grupo, já o está há mais de 20 anos. Dos 38 participantes, 10 afirmam que os seus pais estão separados, destes, 7 reportam que os pais já estão divorciados. É ainda importante mencionar que os pais de 2 dos participantes já faleceram.

Tabela 5: Nível de escolaridade dos progenitores

Nível de escolaridade	Pai		Mãe	
	N	%	N	%
4º Ano	6	15,8	5	13,2
6º Ano	6	15,8	4	10,5
9º Ano	4	10,5	8	21,1
12º Ano	15	39,5	11	28,9
Licenciatura	4	10,5	6	15,8
Mestrado	2	5,3	3	7,9
Doutoramento	1	2,6	1	2,6
Total	38	100	38	100

Quanto ao nível de escolaridade dos progenitores, podemos afirmar que o nível de escolaridade das mães é superior ao dos pais (cf. Tabela 5). No grupo de pais dos participantes, 42,1% apresenta um nível de escolaridade inferior ou igual ao 9º ano e cerca de 39,5% apresenta o 12º ano de escolaridade. No grupo das mães, apesar 44,8% apresentarem um nível de escolaridade inferior ou igual ao 9º ano, ao contrário do grupo dos pais, a grande parte encontra-se no grau do 9º ano e não nos graus inferiores. Relativamente ao ensino superior, no grupo dos pais, cerca de 18,4% possui um nível de escolaridade igual ou superior a uma

licenciatura, já no grupo das mães esse número sobe para 26,3%.

De acordo com as respostas dos participantes, mais de 70% dos progenitores encontram-se empregados. No grupo das mães, cerca de 20% encontra-se desempregado, e as restantes estão reformadas. No grupo dos pais, cerca de 10% está reformado, nenhum está desempregado e os restantes ou já faleceram ou não existe informação.

Relativamente ao tipo de profissões exercidas, observamos que as profissões mais mencionadas das mães pertencente aos grandes grupos 2 e 5 da Classificação Portuguesa das Profissões (2010), que correspondem a “Especialista de atividades intelectuais e científicas” e “Trabalhadores de serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores”. Já no caso dos pais, os grupos mais mencionados são o grande grupo 2, 5, e 7, que corresponde a “Especialista de atividades intelectuais e científicas”, “Trabalhadores de serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores” e “Trabalhadores qualificados da indústria, construção e artífices”.

Tabela 6: Profissão dos Progenitores

Profissão	Pai		Mãe	
	N	%	N	%
Grande grupo 1	0	0	1	2,6
Grande grupo 2	8	21,1	9	23,7
Grande grupo 3	5	13,2	5	13,2
Grande grupo 4	2	5,3	5	13,2
Grande grupo 5	7	18,4	6	15,8
Grande grupo 6	0	0	0	0
Grande grupo 7	7	18,4	1	2,6
Grande grupo 8	4	10,5	2	5,3
Grande grupo 9	1	2,6	5	13,2
Doméstico(a)	0	0	3	7,9
N/A	4	10,5	1	2,6
Total	38	100	38	100

O formato do agregado familiar é diferente para cada participante, cerca de 30 participantes (78%) afirmam ter irmãos. Dentro deste grupo, 25 reportam ter entre 1 e 2 irmãos, enquanto os restantes participantes dizem ter entre 3 e 6 irmãos. Segundo os dados, grande parte destes participantes, cerca de 22 (57,9%), encontram-se na 1º ou 2º posição na

fratria, já os restantes participantes encontram-se na 3º ou 4º posição na fratria.

Em termos de aconselhamento vocacional, segundo os participantes, ao longo do seu percurso escolar, apenas 8 (21,1%) receberam apoio de aconselhamento de carreira, os restantes 30 (78,9%) nunca receberam este tipo de apoio. Dentro do grupo que recebeu este aconselhamento, 3 participantes receberam este apoio em dois momentos no 9º ano e no 12ºano de escolaridade. Já os restantes participantes, apenas 2 receberam no 9º ano de escolaridade e 3 apenas receberam no 12ºano de escolaridade.

IV- Apresentação e Análise dos Resultados

Nesta secção apresentamos e analisamos, as respostas obtidas às perguntas do questionário. Esta parte foi dividida em 6 partes, para melhor organização e compreensão dos dados obtidos.

1. Características da Adulter Emergente

Ao analisarmos as respostas dos participantes, relativamente as questões dos estados da Adulter Emergente, identificamos que existem opiniões diferentes entre os participantes. É importante ainda mencionar que um participante não respondeu a estas questões.

Relativamente à questão 37 “Na tua opinião, o que caracteriza um adulto?”, os participantes apontam como critério, nomeadamente, a maioridade legal, ter compromissos fixos (uma família e casa própria), ter uma visão concreta de vida, ter os seus valores e prioridades estabelecidos, ser maturo e responsável, e ter autonomia e independência financeira.

Segundo os dados, 15 participantes focaram-se apenas em características de nível psicológico, como por exemplo, “ser maturo e responsável”. Em contrapartida, 7 participantes responderam apenas com características de nível sociológico, como por exemplo, “atingir a maioridade legal” e “ter compromissos fixos”. Já os restantes participantes responderam com uma mistura de características de ambos níveis, como por exemplo “ser maturo e responsável”, “ter autonomia” e “independência financeira”.

Estes resultados parecem ir ao encontro dos observados por Arnett (2000, 2004, 2015), Ferrera & Jorge (2008), Mendonça *et al.*, (2009) e Brandão *et al.*, 2012, sendo as qualidades individuais de caráter, a autonomia de decisão, e a independência financeira as características mais valorizadas pelos adultos emergentes.

De notar, que o grupo de participantes que respondeu com apenas características de nível sociológico deu destaque, principalmente, ao aspeto “atingir a maioridade legal”. Este resultado pode ser uma manifestação da importância que os participantes dão às novas responsabilidades e benefícios legais que esse aspeto lhes proporciona. Como por exemplo, o aumento de liberdade com o acesso a carta de condução e a possibilidade de sair do país sozinho, sem necessitar de permissão parental. Mas também a responsabilização legal pelas consequências dos seus atos.

Tabela 7: Característica “Sentimento de «In-between»”

Q38 “Consideras ser um adulto?”	N	%
Sim	12	31,6
Não	9	23,7
Sim e Não	16	42,1
N/A	1	2,6
Total	38	100,0

Quando questionados sobre se, se consideram adultos, 31,6% dos participantes responderam que “sim”, 23,7% respondeu que “não”, e os restantes, 42,1%, respondeu que “em alguns aspetos sim e em outros não”. Estes resultados vão ao encontro dos obtidos por Arnett (2014), nos quais se verifica que uma grande parte dos jovens entrevistados (cerca de 45%) opta por responder que, em alguns aspetos sim, se sente adulto, e em outros não. Contudo, parecem diferir na percentagem de participantes que opta por responder não, visto que em Arnett (2014), apenas 5% respondeu que não se considera um adulto.

O grupo de participantes que respondeu “sim”, diz que as razões que justificam a sua resposta são o facto de já terem atingido a idade de maturidade/legalidade, de terem muitas responsabilidades e já serem, em parte, independentes financeiramente. Por outro lado, o grupo que respondeu “não”, afirma que as suas razões são o facto de ainda serem

dependentes dos seus pais e ainda se sentirem muito imaturos.

Já o grupo que se diz indeciso, afirma que sente que é adulto em alguns aspetos e em outros não, sente-se “In-between”. Por um lado, sentem que já tem a responsabilidade e a maturidade de um adulto, contudo ainda estão, de alguma forma, dependentes dos seus pais, seja de modo financeiro ou porque ainda residem com eles. Por outro lado, há participantes que, embora já possam ter alguma independência financeira, não a veem como uma afirmação da sua Aduldez.

Estes participantes, ou não se veem como responsáveis ou maduros o suficiente para obter o “título” de adulto, ou se sentem aquém de outros adultos de faixas etárias superiores, que na sua idade foram capazes de alcançar certas metas que o ambiente socioeconómico atual já não permite. Como por exemplo, ter maior facilidade de obter residência própria, ou até conquistar um nível financeiro ideal para começar a formar uma família. Estes resultados podem ser uma manifestação dos efeitos que as altas expectativas dos adultos emergentes podem ter quando confrontados com a realidade do dia a dia. Também podemos estar perante um exemplo de Síndrome de Impostor, caracterizado pelo sentimento de incompetência, face a evidências que provam o contrário (Severy, 2018).

Tabela 8: Característica “Exploração da identidade”

Q29 “Consideras estar a viver uma fase de exploração/procura/busca?”	N	%
Sim	30	78,9
Não	7	18,4
N/A	1	2,6
Total	38	100,0

Relativamente ao sentido de exploração, os resultados apontam que mais de 78% dos participantes concordam que vivem numa época de exploração. Dentro das razões apontadas destacam-se a “procura de novas experiências”, o facto de “estarem a cargo das próprias decisões”, e o facto de “serem jovens com muitos anos para viver” e “com muitas possibilidades no seu futuro”. Estes resultados vão ao encontro dos observados por Arnett (2000, 2004, 2014, 2015), nos quais se verifica que a maior parte dos adultos emergentes vêem esta fase como a altura para explorar os seus interesses e se autodescobrir.

Os restantes participantes, dizem que não estão a viver uma época de exploração. Dentro deste grupo, 2 sujeitos justificaram a sua resposta. Um participante sente que já tomou todas as decisões necessárias e tem o seu futuro todo planeado. Já o outro sente que as suas ações estão limitadas pelo estado da sua saúde mental e pelos seus pais. Este exemplo pode ser uma manifestação de Enredamento e de *Super Parentalidade/Overparenting*. O Enredamento apresenta-se quando os pais estão demasiados envolvidos nas vidas dos filhos e não os deixam tomar decisões independentes (Fingerman & Yahirun, 2016), afetando a sua exploração e provocando o sentimento de limitação. Esta ação de *Overparenting* por parte dos pais, pode significar que estes se sentem ansiosos, em relação à segurança do participante (Fingerman & Yahirun, 2016). Se a saúde mental do participante pode ser classificada como um fator de limitação da sua exploração, também pode ser um fator de ansiedade para os pais.

Tabela 9: Característica “Instabilidade”

Q31“Consideras estar a viver uma fase de instabilidade/mudanças na tua vida?”	N	%
Sim	29	76,3
Não	8	21,1
N/A	1	2,6
Total	38	100,0

No sentido da instabilidade a maior parte dos participantes (76,3%) diz que vive uma fase de instabilidade, destacando o seu “estatuto como estudante”, a sua “situação financeira”, e as “mudanças em si e à sua volta”, como as principais causas. Já os restantes participantes, cerca de 21,1%, diz que não vive nenhum sentimento de instabilidade porque sente que, pela primeira vez, têm total controlo sobre a sua vida e conseguem organizar tudo à sua volta como desejam. Estes resultados vão ao encontro dos observados por Arnett (2000, 2004, 2014, 2015), nos quais se verifica que a maior parte dos adultos emergentes vêem esta fase como a altura cheia de mudanças e instabilidade.

Tabela 10: Característica “Autofoco”

Q33“Consideras estar a viver uma fase de foco em ti próprio/a?”	N	%
Sim	29	76,3
Não	6	15,8
Sim e Não	2	5,3
N/A	1	2,6
Total	38	100,0

A maior parte dos participantes (cerca de 76,3%) também diz estar a viver uma fase de foco em si próprio, apontando o seu “desejo de autocuidado” e “autoaperfeiçoamento” como as principais razões para esse foco. Estes resultados vão ao encontro dos observados por Arnett (2000, 2004, 2014, 2015), nos quais se verifica que a maior parte dos adultos emergentes vêem esta altura como uma fase da vida para se focarem em si.

Os restantes participantes não concordam, 15,8% (6 estudantes) dizem não viver qualquer sentimento de foco em si próprio. Já 5,3% (2 estudantes) respondeu “sim e não”, porque, por um lado, vivem uma fase de foco em si próprio tentando investir nos seus interesses e capacidades, mas por outro, não conseguem investir em si totalmente, porque, ou devido à sua educação, ou por causa das suas preocupações, sentem-se condicionados a priorizar os interesses/ bem-estar dos seus familiares. Estes resultados podem ser uma manifestação dos valores familiares coletivistas, típicos de culturas católicas latinas, como a portuguesa, mencionados por Mendonça *et al.*, (2009) e Brandão *et al.*, (2012).

Tabela 11: Característica “Possibilidades/otimismo”

Q35“Consideras estar a viver uma época/fase cheia de possibilidades?”	N	%
Sim	21	55,3
Não	13	34,2
Sim e Não	3	7,8
N/A	1	2,6
Total	38	100,0

Em relação ao sentimento de viver uma época de possibilidades, cerca de 55% respondeu que “sim”, apontando o seu novo estado de “independência”, a “diversidade de saídas profissionais do seu curso”, e o facto de ainda “não terem o seu futuro definido”, como fatores que

fomentam esse sentimento. Já 34,2% dos participantes respondeu que “não”, apontando a “pressão para obter emprego” logo após terminar o curso, e a sua “dependência financeira” como as principais razões que restringem as suas possibilidades. Três (7,8%) participantes responderam “sim e não”, porque têm a liberdade para tomar as decisões que queiram, mas estão condicionados pelas restrições da Pandemia provocada pelo vírus do Covid-19.

Os resultados parecem diferir dos obtidos por Arnett (2014), nos quais se verifica que a maior parte dos jovens entrevistados (83%), sente que, nesta fase da sua vida, tudo é possível. Esta diferença pode ser devido à manifestação das preocupações dos participantes em relação ao seu futuro vocacional, trazidas pela crise económica vivida em Portugal (Fonseca, *et al.* 2019). Já o grupo de participantes que respondeu “sim e não”, é considerada uma situação especial atípica, visto que as respostas do questionário foram recolhidas em 2021, quando os participantes ainda estavam a ser afetados pelas restrições impostas como consequência da Pandemia, logo, as respostas foram condicionadas pelas experiências vividas durante esse período.

2. Percorso Escolar

De acordo com os participantes, as principais razões que os levaram a integrar um curso superior foram a “procura de melhores oportunidades profissionais” com “melhores rendimentos salariais”, o desejo de “enriquecer os seus conhecimentos”, e o “interesse por viver a vida académica”. Estes resultados vão ao encontro dos observados por Arnett (2015), Marshall & Butler (2016) e Severy (2018), nos quais se verifica que os adultos emergentes procuram o ensino superior para aumentar as suas hipóteses de obter um trabalho com melhores benefícios, para desfrutar a vida académica e para enriquecer os seus conhecimentos.

Quanto aos motivos que os levaram a escolher o curso que frequentam, os participantes apontaram, nomeadamente, o “interesse pela área de estudo”, o “desejo de exercer a profissão ligada ao curso”, o “grande número de saídas profissionais”, a “taxa de empregabilidade”, o “nível de remuneração salarial”, a “média de entrada” e a “influência de amigos, familiares e professores”. Estes resultados vão ao encontro dos

observados por Mullendore *et al.* (2018), em que os pais dos adultos emergentes são das principais razões que os levam a escolher uma universidade e/ou um curso. Segundo as observações de Arnett (2015), ao contrário do ensino americano, no ensino europeu, os adultos emergentes tem acesso a mais informação sobre os cursos universitários e as suas saídas profissionais. Por essa razão, sendo este um estudo feito com estudantes portugueses está pressuposto que estes tenham acesso a informação mais detalhada onde podem basear as suas decisões vocacionais.

De acordo com os dados, a maior parte dos participantes (cerca de 81,6%) está a frequentar a sua primeira opção de curso. Já 15,8% dos participantes mudaram de curso pelo menos uma vez. A principal razão que levou os participantes a mudar de curso foi a constatação de que o curso que costumavam frequentar não era a escolha certa para o seu futuro.

Segundo as respostas, 8 (21,1%) dos participaram já tiveram de interromper um ano letivo e 10 (26,3%) dos participantes tiveram de repetir um ano letivo. Sendo a Adulter Emergente uma idade de instabilidade e de exploração em várias dimensões (Arnett, 2015), parece fazer sentido que alguns participantes tenham experienciado este tipo de situações.

As principais razões reportadas pelos participantes, para estas interrupções, remetem para problemas de natureza financeira e/ou de saúde mental. Já as repetições prendem-se com situações de baixo aproveitamento académico, conflitos com programas de Erasmus, e problemas de natureza financeira e/ou de saúde mental.

De acordo com os dados recolhidos, 5 participantes reportaram ter sofrido graves problemas com a sua saúde mental, 2 participantes sofreram de exaustão mental e *Burnout*, 2 participantes sofreram uma depressão, e um participante sofreu um episódio maníaco fruto do seu diagnóstico/condição de Bipolaridade. Estes resultados vão ao encontro dos observados por Arnett *et al* (2014) e Adams & Sharkin (2018), em que os problemas de saúde mental podem interferir com a exigência da vida académica, da mesma forma que esta pode intensificar ou até provocar os problemas de saúde mental. Transtornos psiquiátricos são comuns na

Adulter Emergente (Tanner, 2016). Segundo Adams & Sharkin (2018), a ansiedade e a depressão são os problemas de saúde mental mais reportados pelos estudantes universitários durante esta fase de desenvolvimento. De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM- 5), a idade média de início do primeiro episódio do transtorno bipolar, seja este maníaco, hipomaníaco ou depressivo maior, é aproximadamente os 18 anos, a idade que marca o início da Adulter Emergente, parece assim, fazer sentido que estes tipos de episódios sejam prevalentes nesta fase de desenvolvimento.

Relativamente ao desempenho escolar, a maior parte dos participantes, 31 (81,6%) completa as disciplinas na primeira época de avaliações. Apenas metade dos participantes utiliza a época de recurso para tentar melhorar a classificação de uma disciplina. Cerca de 14 (36,8%) dos participantes tiveram de repetir uma disciplina/modalidade pelo menos uma vez, durante o seu percurso escolar.

Ao longo do ano letivo os participantes não se restringem apenas a atividades académicas, segundo os dados recolhidos, eles ocupam os seus tempos livres com trabalhos part-time, estágios profissionais, atividades de voluntariado, bem como com hobbies pessoais (ler, escrever, ver filmes e series etc.). Sendo a Adulter emergente uma idade de autofoco e de exploração em várias dimensões (Arnett, 2015), parece fazer sentido que os participantes tentem expandir as suas experiências com diferentes atividades. Segundo Marshall & Butler (2016), este tipo de atividades, contribuem para as *soft skills*, que são apreciadas pelas entidades empregadoras, e podem fazer a diferença no mercado de trabalho.

Segundo os dados, 21 participantes (55,3%) já tiveram um trabalho part-time. Estes trabalhos eram maioritariamente do tipo prestação de serviços (Hotelaria, Restauração e Lojas de Departamento). A duração de cada trabalho é bastante variada, podendo ir de 2 semanas a 2 anos. As razões que os levaram a obter estes trabalhos foram para ganhar dinheiro, ganhar experiência de trabalho, para ajudar familiares/amigos, e para manter-se ocupado e produtivo nas férias. Estes resultados parecem diferir dos observados por Arnett (2015), nos quais se verifica que estes tipos de trabalhos estão mais associados á adolescência e não á Adulter emergente.

Contudo, sendo esta amostra composta por estudantes universitários, que têm como principal ocupação estudar, faz sentido que a procura por trabalhos part-time esteja associada ao financiamento das suas despesas e da sua independência financeira.

No caso dos estágios profissionais, 22 participantes (57,9%) já fizeram um estágio profissional. Tal como os trabalhos part-time o seu tempo de duração difere dependendo da atividade. Os estágios duraram no mínimo umas semanas e no máximo 1 ano. As razões que levaram os participantes a fazer este tipo de atividades foram principalmente para ganhar experiência profissional e para conhecer as várias áreas de ação profissional do seu curso. É importante mencionar que alguns participantes tiveram de completar um estágio profissional como uma componente de avaliação do seu curso. Estes resultados parecem ir ao encontro dos observados por Severy (2018), referindo a autora que os adultos emergentes tendem a usar os estágios profissionais como uma oportunidade para conhecer melhor as saídas profissionais, e o que desejam para o futuro.

Já as ações de voluntariado, segundo os dados, metade dos participantes já tomaram parte neste tipo de atividades. Ao contrário dos aspetos anteriores, todos os participantes que fazem este tipo de atividades, fazem-no de forma recorrente, participando em ações de organizações diferentes, por vezes mantendo mais do que uma atividade de voluntariado ao mesmo tempo. A duração destas atividades varia, alguns participantes apenas trabalharam umas horas, para ajudar num evento de uma organização, outros já são membros filiados da organização há vários anos. Entre as várias organizações mencionadas pelos participantes destacam-se a Cruz Vermelha, a Amnistia Internacional, e o Banco Alimentar. As razões que levaram os participantes a aderir a estas atividades foram apoiar causas com que se identificam, melhorar a sua capacidade compassiva, fazer boas ações, conhecer novas pessoas e diversificar o seu currículo vitae. Estes resultados vão ao encontro dos observados por Severy (2018) e Marshall & Butler (2016), nos quais se verifica que os adultos emergentes procuram oportunidades para contribuir para a melhoria do mundo, ações de voluntariado são das formas mais práticas do fazer.

3. Preferências e Valores Profissionais

3.1. Características Profissionais

Em relação às características de uma profissão, como resposta à questão 75, “Na tua opinião, quais são as características que um trabalho deve ter para o considerares o teu trabalho ideal?”, os participantes apontam que um bom trabalho é um trabalho que “traga satisfação e felicidade”, que seja “desafiante” e permita “aumentar os seus conhecimentos”, que tenha um “bom ambiente”, e que “contribua para o melhoramento do mundo”. Estes resultados parecem ser similares aos observados por Severy (2018), que refere que o adulto emergente tem altas expectativas em relação à vida profissional, desejando um trabalho desafiante, com oportunidades para crescer, um ambiente amigável e seguro, numa organização que tenha bons valores e metas significativas.

Relativamente às respostas à questão 74 relativa ao emprego que desejavam/sonhavam ter quando crianças, 24 (63,2%) participantes afirmaram que o seu sonho era “trabalhar numa área diferente da que estão a estudar”, 4 (10,5%) dos participantes afirmaram que o seu sonho era “trabalhar na área que estudam”, e os restantes 10 (26,3%) afirmaram que nunca tiveram a certeza sobre o que criam fazer quando eram crianças.

Já quando questionados sobre o seu trabalho de sonho atualmente, 23 (60,5%) participantes responderam com “trabalhar na área que estudam”, 4 (10,5%) responderam “trabalhar numa área diferente da que estudam” e os restantes 11 (29%) responderam que não sabem, e ainda estão à procura do seu “sonho”. Sendo a Adulter Emergente uma idade de exploração em várias dimensões (Arnett, 2015), parece fazer sentido que alguns participantes ainda estejam à procura do que desejam fazer com a vida.

Como resposta à questão 76 “Na tua opinião, quais são as características que tornam um trabalho gratificante?”, os participantes nomearam, “ser reconhecido pelo empregador”, ser “útil para a sociedade”, ter uma “boa relação entre horas de trabalho e remuneração”, ter um “ambiente que cultive o sentimento de pertença ao local de trabalho”, ser um trabalho que “consiga fomentar sentimentos de satisfação, respeito e integridade” nos funcionários, e por fim, que

“promova o melhoramento dos próprios funcionários”. Estes resultados parecem ir ao encontro dos observados por Severy (2018), em que a autora constata que os adultos emergentes têm altas expectativas vocacionais, incluindo ser reconhecido e gratificado pelos seus contributos.

Na questão 77, pediu-se aos participantes que classificassem 11 aspetos relativos ao trabalho ou ocupação profissional (*e.g.* “Salário elevado”, “Realização pessoal”, “Ambiente amigável”, “Ambiente competitivo”, “Trabalho de equipa”, “Posição de liderança”, “Contrato de trabalho de longa duração”, “Contrato de trabalho de curta duração”, “Horário de trabalho fixo”, “Horário de trabalho flexível”, e “Possibilidade de avanço na carreira”), de acordo com a sua opinião, em três categorias diferentes (*Nada Importante, Moderadamente Importante e Muito Importante*).

Tabela 12: Q77 Classificação da Importância de aspetos relativos a uma profissão

Aspetos	Nada		Moderadamente		Muito	
	Importante		Importante		Importante	
	n	%	n	%	n	%
Salário Elevado	1	2,6%	22	57,9%	15	39,5%
Realização Pessoal	0	0,0%	2	5,3%	36	94,7%
Ambiente Amigável	0	0,0%	5	13,2%	33	86,8%
Ambiente Competitivo	23	60,5%	12	31,6%	3	7,9%
Trabalho de Equipa	4	10,5%	14	36,8%	20	52,6%
Posição de Liderança	17	44,7%	19	50,0%	2	5,3%
Contrato de Trabalho de Longa Duração	7	18,4%	16	42,1%	15	39,5%
Contrato de Trabalho de Curta Duração	23	60,5%	15	39,5%	0	0,0%
Horário de Trabalho Fixo	9	23,7%	18	47,4%	11	28,9%
Horário de Trabalho Flexível	4	10,5%	23	60,5%	11	28,9%
Possibilidade de Avanço de Carreira	1	2,6%	10	26,3%	27	71,1%

Como podemos observar na tabela 12, das 38 respostas, em 3 aspetos, os participantes só classificaram as suas respostas em duas das três categorias possíveis.

Nos aspetos “Realização Pessoal” e “Ambiente Amigável”, é de

notar que nenhum participante escolheu a categoria *Nada Importante*, colocando as suas respostas nas categorias *Moderadamente Importante* e *Muito Importante*. Tal deverá indicar que os participantes valorizam muito estes aspetos num trabalho, especialmente porque a distribuição das respostas é mais forte na categoria *Muito Importante*. Estes resultados vão ao encontro dos observados por Severy (2018).

No aspeto “Contrato de Trabalho de Curta Duração”, os participantes não escolheram a categoria *Muito Importante*, classificando as suas respostas nas categorias *Nada Importante* e *Moderadamente Importante*. Tal deverá indicar que os participantes não valorizam tanto este aspeto num trabalho. Este resultado difere das observações de Severy (2018), que sugerem que os adultos emergentes tendem a alternar várias vezes de emprego no início da carreira até encontrarem o local certo onde trabalhar, o que seria um benefício para quem procura não ter compromissos longos com a entidade empregadora. No entanto, este resultado é facilmente explicado pela origem da amostra. Segundo Fonseca *et al.* (2019), os jovens portugueses sentem o peso da crise económica do país, um emprego estável com um contrato de trabalho mais longo garante, de forma mais segura, a sua independência financeira.

Os aspetos “Salário Elevado” e “Possibilidade de Avanço de Carreira” aparentam ser consideravelmente valorizados, tendo apenas um participante classificado estes aspetos como *Nada Importante*. Contudo, o aspeto “Possibilidade de Avanço de Carreira” apresenta um maior nível de importância, uma vez que a maior parte das respostas dos participantes neste aspeto encontram-se concentradas na categoria *Muito Importante*.

Os aspetos “Ambiente Competitivo” e “Trabalho de Equipa”, apresentam uma distribuição das respostas quase inversa uma da outra (cf. Tabela 12). Tal sugere a preferência destes participantes por trabalhos com ambientes mais cooperativos ao contrário de trabalhos com ambientes mais antagonistas.

Já os aspetos “Contrato de Trabalho de Longa Duração”, “Horário de Trabalho Fixo” e “Horário de Trabalho Flexível”, ao contrário dos restantes aspetos, não apresentam uma distribuição das respostas tão polarizante. Grande parte das respostas estão categorizadas numa posição

neutra, *Moderadamente Importante*, e as restantes respostas apresentam uma pequena inclinação para a categoria de *Muito Importante*, ao contrário de *Nada Importante*. Isto faz com que a distribuição das respostas seja mais equilibrada. Estes resultados não só demonstram as diferentes prioridades dos participantes, como também podem sugerir que os mesmos consideram estes aspetos como importantes, mas não como essenciais.

Um ponto de interesse nestes resultados é a distribuição quase inversa das respostas pertinentes aos aspetos “Posição de Liderança” e “Possibilidade de avanço de carreira”. Pois em grande parte das profissões, avanços de carreira estão associados ao ganho de responsabilidades de liderança. Assim, podemos constatar que possivelmente os participantes não valorizam tanto as responsabilidades de liderança. Este é um dado interessante, visto que difere das observações de Severy (2018), em que os adultos emergentes demonstram o desejo de obter cargos de liderança.

3.2. Resultados da Aplicação do Questionário de Interesses Vocacionais (QIV-R)

Como já mencionado acima, o QIV permite avaliar os interesses vocacionais dos sujeitos atribuindo-lhes um perfil composto pelos tipos de personalidade para o qual têm maior interesse/inclinação. Segundo os resultados, os códigos de perfil mais comuns entre os participantes foram o ASI (Artístico, Social e Investigador), SEC (Social, Empreendedor e Convencional) ISE (Investigador, Social e Empreendedor), SAI (Social, Artístico e Investigador) e IAE (Investigador, Artístico e Empreendedor). Contudo, a maior parte dos participantes obteve um perfil destinto dos outros (cf., Anexo F).

Dentro dos vários códigos, os tipos de personalidade vocacional com mais destaque foram o Investigador e o Social, tendo sido os tipos que os participantes mais classificaram, de acordo com a escala de Lickert, como *Agrada* e *Agrada Muito*. Já os tipos de personalidade vocacional com menos destaque foram o Realista e o Convencional tendo sido os tipos que os participantes mais classificaram como *Desagrada* e *Desagrada Muito*. No entanto, é importante mencionar que todos os tipos de personalidade receberam um grande número de respostas de nível neutro (*Nem Agrada nem Desagrada*).

Relativamente ao nível de consistência dos códigos de perfil de preferência vocacional dos participantes, os dados mostram que 55,3% dos participantes apresentam um alto nível de consistência entre os tipos de personalidade dos seus códigos de perfil. Já 31,6% dos participantes apresentam um nível razoável de consistência entre os tipos de personalidade presentes no seu código perfil. Os restantes 13,1% apresentam um nível baixo de consistência entre os tipos de personalidade presentes no seu código(cf., Anexo F).

Em relação ao estado de diferenciação entres os vários tipos de personalidade vocacional, depois de uma análise das várias pontuações obtidas por cada participante no QIV, conseguiu-se averiguar que 13 participantes obtiveram um alto nível de diferenciação com um dos tipos vocacionais a destacar-se em relação aos restantes. Estes resultados podem demonstrar o grande interesse dos participantes pelas vocações associadas ao tipo de interesse que se destacou (cf., Anexo F).

Os restantes participantes apresentaram um nível de indiferenciação com o seu o grau de gravidade a variar entre os participantes. Um grupo de 19 participantes obtiveram um nível razoável de indiferenciação com os resultados de números diferentes sem nenhum a se destacar. Deste grupo, 10 participantes apresentaram alguns resultados positivos, embora não o suficiente para se destacarem. Os restantes 9 participantes apresentaram um nível de indiferenciação negativo, com os resultados compostos de respostas de nível negativo e neutro (cf., Anexo F).

O grupo final de participantes obtiveram altos níveis de indiferenciação, 4 participantes obtiveram resultados iguais em 5 dos tipos de personalidade com apenas um diferente, estes resultados destacaram-se com seu baixo nível de interesse, sendo composto por uma combinação de resultados negativos e neutros. Os 2 participantes restantes obtiveram o mais alto nível de indiferenciação possível, com todos os resultados dos tipos de personalidade iguais. Um dos participantes obteve todos os resultados negativos em nível “Desagrada Muito”. Já o outro participante obteve todos os resultados neutros de nível “Nem Agrada, nem Desagrada” (cf., Anexo F).

Segundo Neuta (2020), os níveis de consistência e de diferenciação

estão positivamente associados com a facilidade de fazer escolhas vocacionais e com a facilidade de encontrar mais opções de emprego. Assim, estes resultados podem sugerir que a maior parte dos participantes não conseguir encontrar uma vocação mais facilmente, visto que apresentam uma maior consistência nos seus interesses. Segundo a teoria de Holland, os participantes que apresentam níveis mais baixos de consistência vão ter de focar a sua procura de vocação dentro do seu tipo de personalidade, com maior destaque, dado que a probabilidade de encontrarem vocações que incluam todos os seus interesses é mínima (Neuta, 2020). Os baixos níveis de diferenciação podem ser explicados pela natureza do instrumento utilizado. O QIV-R, ao ter um número tão reduzido de itens, pode não incluir os interesses específicos de alguns participantes dentro dos tipos de personalidade. Assim, os participantes ao não encontrarem os seus interesses específicos, optaram por responder ou de forma neutra, com o nível *Nem Agrada, Nem Desagrada*, ou de forma negativa, com os níveis *Desagrada* ou *Desagrada Muito*, resultando em baixos níveis de interesse na maior parte, se não todos, os itens do instrumento.

4. Expectativas Vocacionais e o Ensino Superior

Quanto às expectativas para o futuro, os participantes foram questionados sobre três etapas do seu percurso, nomeadamente, antes de entrar no ensino superior, durante o ensino superior e após a saída do ensino superior.

Segundo os dados, antes de entrarem para a universidade, cerca de 68% dos participantes, ou seja, a grande maioria da amostra, declarou ter “altas expectativas”. Dos restantes participantes, cerca de 10% declarou “baixas expectativas”, e 21% declarou que “não tinha qualquer tipo de expectativas formadas antes de entrar no ensino superior”. Dentro do grupo com altas expectativas, as mais comuns foram “gostar do curso e aprender muito”, “manter uma média alta”, “acabar o curso no menor tempo possível”, e “fazer um Mestrado e um Doutoramento”. Sendo a Aduldez Emergente uma idade de otimismo e possibilidades (Arnett, 2015), parece fazer sentido que grande parte dos participantes tenham

experienciado altos níveis de expectativa em relação ao ensino superior.

Após a entrada no ensino superior as suas expectativas foram alteradas com a vivência acadêmica. Os participantes têm como principal expectativa que “tudo corra bem”, que “consigam terminar o curso” e, se possível, com “uma boa média”. Expressaram ter o desejo de ser “bem-sucedidos” e de “ter um emprego após terminar o curso”. A maior parte dos participantes acredita que vai terminar o grau de estudo em que se encontra, mas apenas cerca de 63% dos participantes tem expectativas de aumentar o seu nível profissional para o nível seguinte seja este um Mestrado ou Doutorado. O número de estudantes que diz não ter nenhuma expectativa baixou, para cerca de 10%, sendo que o número de participantes que diz ter baixas expectativas manteve-se.

Apesar da mudança de expectativas, apenas 26% dos participantes diz ter a intenção de modificar de alguma forma a sua vida acadêmica. Dentro das alterações indicadas pelos participantes estão, “aumentar as horas de estudos”, “tentar fomentar a sua motivação” e “empenhar-se mais nas cadeiras que não gostam”, “começar a morar sozinho” e “mudar de curso”. Este é um resultado interessante, uma vez que, sendo a Adulterez emergente um período caracterizado pela exploração e pela instabilidade (Arnett, 2004, 2015), seria de esperar uma maior percentagem de participantes com expectativa de modificar, de alguma forma, a sua vida acadêmica.

Dentro da sua experiência universitária os participantes mencionaram que os pontos mais positivos foram a “vivência acadêmica” com todas as suas atividades de inclusão e tradições, a “flexibilidade do modo de ensino”, os “conhecimentos adquiridos”, os “novos desafios propostos” (participação em clubes e voluntariado), mas acima de tudo o ponto mais apreciado pelos participantes foram “todas as pessoas que conheceram”, acreditam ter criado grandes amizades dentro do seu novo grupo de pares.

Relativamente aos pontos menos positivos, os participantes destacaram, a “desilusão com o curso”, a “dificuldade em manter a sua média”, a “burocracia” e os “métodos usados no sistema de ensino”, o “stress e ansiedade derivado da época de exames”. Sobretudo, os

participantes apontam, a “solidão” sentida pela primeira experiência, de viver sozinho, longe de casa e da família, como o ponto menos positivo.

Estes resultados parecem ser coincidentes com os observados por Arnett (2015), que refere que a satisfação dos adultos emergentes com a experiência universitária varia com os seus objetivos no momento de entrada no ensino superior. O único ponto em comum é o nível de crescimento pessoal, quanto maior for o crescimento pessoal que o adulto emergente obteve, melhor será a sua perceção da experiência universitária. Sendo esta amostra muito inclinada para o tipo de personalidade social, compreende-se a sua valorização das dimensões mais sociais.

No que toca às expectativas que os participantes têm em relação ao seu futuro profissional após a saída do ensino superior, os dados mostram que a maior expectativa envolve “encontrar um emprego o mais rapidamente possível”. Dentro deste grupo, cerca de 28% dos participantes específica que deseja um emprego na sua “área de estudo”, e cerca de 5% específica querer encontrar emprego “perto da sua área de residência”. Quatro participantes dizem ter a expectativa de “entrar na ordem da sua profissão”. Sendo a Aduldez Emergente uma idade de possibilidade e otimismo em várias dimensões (Arnett, 2015), parece fazer sentido que grande parte dos participantes tenham altas expectativas em relação ao seu futuro profissional.

O resto dos participantes tem uma perspetiva diferente em relação ao seu futuro profissional, cerca de 13% diz não ter qualquer expectativa, e os restantes 10% do grupo diz ter baixa expectativas, um dos participantes afirma ainda que tem a expectativa de “ser desempregado” após sair do ensino superior. Estes resultados parecem ser uma manifestação das perceções dos participantes em relação ao estado do mercado de trabalho em Portugal.

As preocupações dos participantes em relação ao seu futuro profissional estão relacionadas com as suas expectativas. A preocupação mais mencionada pelos participantes é a possibilidade de não terem um emprego quando terminarem o curso. Dentro deste grupo, cerca de 31% dos participantes estão preocupados com a possibilidade de não conseguir encontrar emprego dentro da sua área de formação. Já cerca de 15% dos

participantes estão preocupados com a possibilidade que, depois de encontrar emprego na sua área, descubram que afinal não é essa a sua vocação. Segundo Arnett (2015), esta é uma preocupação comum entre os adultos emergentes.

Os dados mostram que os participantes também se preocupam com a possibilidade de não conseguirem entrar na respetiva Ordem Profissional, com a possibilidade de não conseguirem progredir na sua carreira, após começar a exercer, e que a única forma de conseguir arranjar um emprego seja emigrar. De notar que, cerca de 13% dos participantes declara não ter qualquer preocupação em relação ao seu futuro profissional.

Segundo Mendonça *et al.* (2009), Brandão *et al.* (2012), Saraiva & Matos (2015) e Fonseca *et al.* (2019), a empregabilidade dos adultos emergentes portugueses está condicionada pelo estado do mercado de trabalho e pela situação económica do país. De acordo com dados do PORDATA, a taxa de desemprego para jovens entre os 18 aos 29 anos, incluindo jovens com o nível de escolaridade superior, em Portugal encontra-se acima da média europeia (FFMS in PORDATA, 2022). Assim, as preocupações dos participantes em relação à probabilidade de encontrarem emprego na sua área de formação, após sair do ensino superior, são reais.

5. Expectativas e Planos para o futuro

Em relação aos planos para o futuro, quando os participantes foram questionados sobre se tinham um plano desenhado para o seu futuro, a maior parte dos participantes (cerca de 60%) respondeu que não. Apenas 15 pessoas a responder que sim, tinham um plano para o futuro. Dentro desse grupo os planos dos participantes focam-se em “terminar os seus estudos”, “construir a sua carreira”, “obter a sua independência financeira”, “ter a sua própria residência”, “melhorar as suas capacidades”, e “desenvolver a sua vida amorosa”. Estes resultados parecem ser similares aos observados por Saraiva & Matos (2015), nos quais se verifica que os adultos emergentes portugueses tendem a considerar a criação de planos contraprodutiva ao seu sucesso, principalmente planos a longo prazo, que são reservados para apenas sonhos e desejos.

Quando questionados sobre metas profissionais e pessoais, os participantes focaram-se em pontos similares aos dos planos mencionados. As respostas à questão 89 “Quais são as tuas metas para os próximos 5 anos?”, indicam que, durante este período mais breve/próximo, os participantes estão focados em obter a sua independência e em tornar-se membros produtivos da sociedade, declarando como metas principais “acabar os seus estudos” e “começar a sua carreira”. Relativamente às metas pessoais, os participantes falam no “cuidado com a sua saúde física e mental”, e com o seu “auto-melhoramento”, seja com mais especializações profissionais, com a aprendizagem de novas ferramentas, ou com o “enriquecimento cultural” (viajar, aprender mais sobre outras culturas e costumes). Sendo a Adulter Emergente uma idade de autofoco e egocentrismo (Arnett, 2015), parece fazer sentido que os participantes se foquem mais em metas pertinentes ao seu autocuidado e à sua autodeterminação como membros da sociedade.

Comparativamente, nas respostas da questão 90 “Quais são as tuas metas para os próximos 10 anos?”, a maior parte dos participantes desejam “ter um emprego estável” e, se possível, com um “nível de remuneração considerável”. Relativamente a metas pessoais, a maior parte dos participantes esperam já ter uma “residência própria” e um “relacionamento amoroso sólido”. Cinco participantes mencionam que esperam já “ter filhos”, mas apenas três participantes falam na possibilidade de “estar casado”. É importante também mencionar que 6 participantes consideram que o espaço de 10 anos é muito longo, e está ainda muito longe, por isso ainda não sabem o que querem para este período. Estes resultados parecem ir ao encontro dos observados por Mendonça *et al.* (2009), e Guerreiro & Abrantes (2004, 2007 citados por Saraiva & Matos, 2015, p.120), nos quais se verifica que os adultos emergentes portugueses tendem a projetar a obtenção de responsabilidades e compromissos duradouros, por volta dos 30 anos. De notar que todos os participantes da amostra com a passagem dos 10 anos estarão próximos, se já não ultrapassaram os 30 anos.

De acordo com os dados, os aspetos que os participantes mais anseiam que mudem na sua vida são, primeiramente, a sua “situação

financeira”, os participantes desejam ser financeiramente independentes. Em segundo lugar, “eu”, os participantes desejam que a sua saúde mental esteja em boa condição, e que a passagem do tempo lhes tenha dado a oportunidade de melhorar as suas capacidades e habilidades. Em terceiro lugar, os participantes desejam que o seu estado perante a sociedade se altere, que obtenham uma “carreira de sucesso”, e que se tornem “membros produtivos da sociedade”. Por último, um dos aspetos que os participantes desejam que se altere é a sua situação amorosa, desejam “estar num relacionamento estável” e “ter filhos”. É ainda importante mencionar que apesar da maior parte dos participantes ter aspetos da sua vida que deseja modificar, cerca de 15% dos participantes diz não ter qualquer aspeto para modificar, citando um dos participantes – “Gosto do presente, não preciso de ansiar o futuro agora”.

Estes são resultados interessantes, na medida em que parecem descrever em progressão, a obtenção dos aspetos que caracterizam um adulto, indicadas pelos participantes. Primeiro a obtenção da sua independência financeira e a descoberta de quem são enquanto pessoas. Em seguida, conquistar um lugar significativo na sociedade e contribuir para a melhoria do mundo. E por fim formar uma família.

6. Relações familiares

Quando questionados sobre os aspetos que consideram mais importantes antes de tomar decisões, os participantes apontaram, nomeadamente, as “consequências”, *e.g.* como essas decisões os vão afetar a si e à sua saúde mental, as “desvantagens e vantagens” de tomar essa decisão, a “opinião de amigos e familiares”, as “despesas envolvidas” e a sua “fé”, *e.g.* valores espirituais/religiosos. Três participantes afirmaram não saber quais os aspetos que condicionam as suas decisões.

De acordo com os dados, cerca de 86% dos participantes respondeu que a “opinião dos seus familiares e amigos” era um dos aspetos que tinham em conta antes de tomar decisões. Estes resultados parecem ir ao encontro dos observados por Arnett (2015) e Mullendore *et al.* (2018), nos quais se verifica que a opinião dos pais tende a exercer influência sobre a sua tomada de decisão.

Na questão 95, pediu-se aos participantes que fizessem uma

estimativa da frequência com que falam com os seus pais. Após a análise dos resultados, verifica-se que 71% dos participantes (27) está em contacto com os pais diariamente. Os outros participantes dividem-se em três grupos. O primeiro fala frequentemente com os seus pais, *e.g* muitas vezes por semana. O segundo fala apenas algumas vezes por mês, enquanto o último diz não ter forma de quantificar quantas vezes fala com os seus pais, uma vez que a frequência de contacto é muito variada, sendo ajustada às necessidades que tenham. Estes resultados parecem diferir dos obtidos por Arnett (2015), nos quais se verifica que a percentagem de adultos emergentes que fala todos os dias com os pais é menor (cerca de 55%). Esta diferença pode ser explicadas pelo facto de a amostra ser composta por estudantes portugueses, uma população menos individualista que culturalmente tende a apresentar maiores laços de proximidade (Mendonça et al. 2009, Brandão et al. 2012).

De acordo com os participantes, a reação dos seus pais à sua decisão de prosseguir os seus estudos no ensino superior foi, de uma forma geral, positiva. Cerca de 79% participantes dizem que os pais ficaram “felizes e orgulhosos”. Já 7,9% dos participantes diz que os pais ficaram “reticentes e surpreendidos” pela decisão, mas no final apoiaram-na. Três participantes dizem que não houve qualquer reação, a sua decisão foi vista como habitual e expectável. Dois participantes não responderam à questão. Estes resultados parecem ser uma manifestação do desejo que os pais tendem a ter, de que os seus filhos façam o melhor na vida que eles. De notar que a percentagem de pais que apresenta um nível de escolaridade superior ronda, apenas, os 20%.

Relativamente à escolha de curso, segundo os dados, as reações dos pais foram similares, de uma forma geral tiveram uma reação positiva. Alguns pais ficaram “surpreendidos e/ou reticentes”, outros “já estavam à espera” e outros revelaram-se “indiferentes”. Embora as reações parentais tenham sido variadas, o apoio da decisão por parte dos pais, foi comum a todos os participantes, exceto 2 que não responderam à questão.

Na pergunta 98, os participantes foram questionados sobre que tipo de conselhos receberam dos seus pais antes de começarem o ensino superior. De acordo com as respostas dos participantes, os conselhos

focaram-se no seu comportamento durante o ano letivo e a sua escolha de curso. Oito participantes foram aconselhados a escolher um curso “do qual realmente gostassem”. Sete foram aconselhados a “ter em atenção a empregabilidade de um curso” antes de o escolher. E, por fim, 6 foram aconselhados a descobrir se o curso que escolheram, é “algo que se veem a fazer, todos os dias, para o resto da sua vida”. É relevante mencionar que 12 participantes reportaram não ter recebido qualquer tipo de conselho por parte dos seus pais antes de começarem o ensino superior, um participante não respondeu à questão.

Relativamente ao relacionamento entre os pais e os participantes, 18 (47,4 %) sentem que este relacionamento sofreu mudanças significativas. Destes, 10 participantes dizem que o seu relacionamento com os pais mudou pela positiva, sentem-se mais próximos e têm um relacionamento mais aberto. Já um grupo de 3 participantes diz que o seu relacionamento com os pais mudou pela negativa, sentem-se mais afastados “pararam de falar com tanta frequência” e sentem que os pais estão mais “emocionalmente distantes”. Estes resultados parecem diferir dos observados por Arnett (2015), nos quais se verifica que a maior parte dos adultos emergentes reporta que o seu relacionamento com os pais melhorou, principalmente quando saíram de casa para frequentar o ensino superior.

Quando questionados sobre se se sentem pressionados com as expectativas dos seus pais, apenas 34,2% dos participantes respondeu que “sim”, os restantes responderam que “não”.

Já quando foram questionados se sentiam uma especial obrigação filial de reciprocidade perante os seus pais, cerca de 47% dos participantes responde que “sim”, os restantes responderam que “não”. Segundo estudos feitos junto da população portuguesa, os adultos emergentes que sentem que recebem mais suporte dos seus pais do que dão, têm um desejo de reciprocidade filial, de compensar esse suporte recebido, quando os seus pais tiverem uma idade mais avançada (Coimbra & Mendonça, 2013; e Guerreiro & Abrantes, 2007 citados por Saraiva & Matos, 2015 p. 127).

Como resposta às questões 105 “Sentem que existe respeito mútuo na tua relação com os teus pais?” e 106 “Sentem que os teus pais valorizam

a tua opinião?”. A maior parte dos participantes (78,9%) respondeu que “sim”, que sentiam que existia um respeito mútuo com os pais e que estes valorizavam a sua opinião. Os restantes participantes (21,1%) responderam que “não”. Estes resultados parecem ir ao encontro dos observados por Arnett (2015), nos quais se verifica que, na maior parte dos casos, os pais adaptam o seu tratamento para com os filhos, perante o aumento contínuo da sua maturidade, tratando-os de uma forma diferente da que quando eram adolescentes. Os adultos emergentes tendem a sentir que a sua opinião é mais respeitada e valorizada, tornando o seu relacionamento com os pais mais igualitário.

Quanto ao fator de suporte financeiro, foi pedido aos participantes que fizessem uma estimativa percentual da dimensão de suporte financeiro que recebem dos pais (cf. Anexo C). Entre os participantes, 13 declararam que eram “100%” suportados financeiramente pelos pais, 6 que recebiam entre “100% a 75%” suporte financeiro, 5 participantes que recebiam entre “75% a 50%”, 8 que recebiam entre “50% a 25%”, e 6 participantes declararam que recebiam “menos de 25%” de suporte financeiro dos seus pais, um desses participantes declarou que não recebia qualquer suporte financeiro dos seus pais. Estes resultados parecem ir ao encontro dos observados por Saraiva & Matos (2015) que verificou que os pais portugueses estão entre os que mais contribuem monetariamente para as despesas dos adultos emergentes.

Para perceber o nível de satisfação dos participantes perante o suporte financeiro recebido, foi pedido aos participantes que classificassem esse suporte, numa escala de Lickert, com 10 intervalos (1 *Muito Insatisfeito* a 10 *Muito Satisfeito*). Dentro do grupo que declara receber “100%” de suporte, a maior parte, cerca de 9 participantes dizem estar *Muito Satisfeito* (nível 9-10) com esse suporte. Três participantes dizem estar *Satisfeito* (nível 7-8), e um declara um nível neutro *Nem Satisfeito, nem Insatisfeito* (nível 5-6) com o suporte parental (cf. Anexo C).

Os grupos que declaram receber entre “100% a 75%”, de “75% a 50%”, e entre “50% a 25%” de suporte financeiro, apresentam altos níveis de satisfação, com a maior parte dos participantes a afirmar estar, *Satisfeito*

(nível 7-8) ou *Muito Satisfeito* (nível 9-10) com o suporte parental recebido. Apenas dois participantes declaram baixa satisfação com este nível de suporte recebido, tendo afirmando estarem *Muito Insatisfeito* (nível 1-2) com esse suporte (cf. Anexo C).

No grupo de participantes que recebem “menos de 25%” de suporte financeiro, metade apresenta um nível baixo de satisfação, declarando estar, *Insatisfeito* (nível 3-4) ou *Muito Insatisfeito* (nível 1-2), com o suporte recebido. Um participante apresenta um nível neutro declarando estar, *Nem Satisfeito, Nem Insatisfeito* (nível 5-6). Por fim, dois participantes apresentam níveis altos de satisfação com este nível de suporte, declarando estar *Satisfeito* (nível 7-8) ou *Muito Satisfeito* (nível 9-10), com o suporte parental recebido (cf. Anexo C).

Quanto ao fator de suporte psicológico/emocional, foi pedido aos participantes que fizessem uma estimativa percentual da dimensão de suporte que recebem dos pais (cf. Anexo C). Entre os participantes, 6 declararam que recebiam dos seus pais um nível de “100%” de suporte psicológico/emocional”, 10 que recebiam entre “100% a 75%” de suporte psicológico/emocional, 4 participantes que recebiam entre “75% a 50%”, 10 que recebiam entre “50% a 25%”, e 8 participantes declararam que recebiam “menos de 25%” de suporte psicológico/emocional dos seus pais.

Para perceber o nível de satisfação dos participantes perante o suporte psicológico/emocional recebido, foi pedido aos participantes que classificassem esse suporte, numa escala de Lickert, com 10 intervalos (1 *Muito Insatisfeito* a 10 *Muito Satisfeito*). Dentro do grupo que declara receber “100%” de suporte psicológico/emocional, todos os participantes dizem estar *Muito Satisfeito* (nível 9-10) com esse suporte. Já no grupo que recebe entre “100% a 75%” de suporte, 5 participantes afirmam estar *Muito Satisfeito* (nível 9-10), 4 participantes afirmam estar *Satisfeito* (nível 7-8), e um afirma estar *Nem Satisfeito, nem Insatisfeito* (nível 5-6) com o suporte recebido (cf. Anexo C).

Os grupos que declaram receber entre “75% a 50%”, e entre “50% a 25%” de suporte psicológico/emocional, apresentam altos níveis de satisfação, com a maior parte dos participantes a afirmar estar, *Satisfeito*

(nível 7-8) ou *Muito Satisfeito* (nível 9-10) com o suporte parental recebido. Dos restantes participantes, 1 apresenta um nível neutro de satisfação, afirmando estar *Nem Satisfeito, nem Insatisfeito* (nível 5-6), e 3 participantes declaram baixa satisfação com este nível de suporte recebido, tendo afirmando estar *Insatisfeito* (nível 3-4) ou *Muito Insatisfeito* (nível 1-2) com esse suporte recebido (cf. Anexo C).

No grupo de participantes que recebem “menos de 25%” de suporte psicológico/emocional, a maior parte apresenta um nível baixo de satisfação, declarando estar *Insatisfeito* (nível 3-4) ou *Muito Insatisfeito* (nível 1-2), com o suporte recebido. Dois participantes apresentam um nível neutro de satisfação, declarando estar *Nem Satisfeito, nem Insatisfeito* (nível 5-6) com o nível de suporte recebido. Por fim, um participante apresenta um nível alto de satisfação com este nível de suporte, declarando estar, *Muito Satisfeito* (nível 9-10), com o suporte parental recebido (cf. Anexo C).

De notar que, segundo os dados, 3 participantes declaram baixo nível de suporte parental (financeiro e psicológico/emocional) e baixo nível de satisfação com esse suporte. Neste grupo, dois têm idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos, e um tem uma idade compreendida entre os 25 e os 29 anos. Sete participantes declaram baixos níveis de suporte financeiro, mas apresentam altos níveis de satisfação com esse suporte. Dentro deste grupo, 4 participantes declaram níveis consideravelmente altos de suporte psicológico/emocional, e altos níveis de satisfação com esse suporte. Já os 3 restantes, declaram baixos níveis de suporte psicológico/emocional e baixos níveis de satisfação com esse suporte. O grupo apresenta idades compreendidas entre os 18 e os 25 anos. Ainda um participante declara baixo nível de suporte parental (financeiro e psicológico/emocional), mas apresenta um alto nível de satisfação com esse suporte. Por fim, 4 participantes declaram o mais alto nível de suporte financeiro possível, e.g. “100%”, e apresentam níveis altos de satisfação com esse suporte, contudo não registam o nível mais alto de satisfação, e.g. “10”.

Estes são resultados interessantes, na medida em que, de acordo com estudos junto da população portuguesa, quanto maior for o suporte parental

mais satisfeitos estarão os adultos emergentes com o seu relacionamento com os pais (Dias & Fontaine, 1996; Mendonça & Fontaine, 2013; citados por Saraiva & Matos, 2015, p.125). Contudo, podem ser uma manifestação do desejo dos adultos emergentes pela independência financeira.

Relativamente à situação de residência durante o ano letivo, 76,3% dos participantes declaram que residem permanentemente em Coimbra, os restantes devido a situações pessoais, alternam entre a terra natal e a cidade universitária. Dentro do grupo de participantes, 14 estudantes visitam a terra natal constantemente, *e.g.* “todos os fins de semana” ou “todos os 15 dias”. Cerca de 12 estudantes, visitam de forma esporádica, *e.g.* “algumas vezes por mês” ou “entre meses”. Quatro estudantes apenas visitam a terra natal durante “as pausas de férias”. Os restantes 2 estudantes declaram nunca visitar a terra natal. É importante mencionar que 6 estudantes não responderam à questão. Apesar destes resultados parecerem diferir dos observados por Fingerman & Yahirun (2016) e Mendonça *et al.* (2009), nos quais a maior parte dos adultos emergentes, de países do sul europeu, como Portugal, tendem a ficar em casa dos pais mesmo após a entrada no ensino superior. Segundo Saraiva & Matos (2015), quanto maior o número de vezes que o adulto emergente regressa à terra natal durante o período letivo, menos considera ter-se mudado para fora da casa dos pais.

Quando questionados sobre se encontrar emprego perto da sua terra natal era algo que desejavam, cerca de 36% dos participantes respondeu que “sim”. Tendo como razões principais, nomeadamente, “gostar do local em que nasceram” e querem “viver perto da sua família”. Já cerca de 39% respondeu que “não”. Apresentando como principal razão o facto que a sua terra natal não oferece grandes oportunidades de emprego na sua área de estudo. Dos restantes participantes, 13% responderam que a “localização não é importante”, que “moram onde haja trabalho”, este sentimento parece ser uma manifestação do receio em relação ao estado do mercado de trabalho português. Já os outros 10%, respondeu que não sabia, estava indeciso. Este resultado pode ser uma manifestação do sentimento “In-between”, comum na Adulterez emergente, os participantes não sabem se devem explorar mais e focar-se nos seus interesses, ou voltar para perto dos pais, da sua segurança, estabilidade e conforto.

V- Discussão e Conclusões

O objetivo principal deste estudo prendeu-se com a análise das experiências, expectativas, opiniões e objetivos de jovens universitários na sua transição de estudante para trabalhador, durante o período da Adultez emergente. Após a apresentação e análise dos dados obtidos, procedemos à discussão e às conclusões dos dados obtidos.

Arnett (2000, 2004, 2015), afirma que os adultos emergentes tendem a apresentar 5 características distintas que os identificam como elementos integrantes deste período, nomeadamente, a “Exploração da Identidade”, a “Instabilidade”, o “Autofoco”, o “Possibilidades/Otimismo” e o “Sentimento de «In-between»”. Para descobrir se os participantes se encontram neste período, tentamos saber *se e como* sentiam estas características.

Na questão 29 “*Consideras estar a viver uma fase de exploração/procura/busca?*”, a maior parte dos participantes, 30 (78,9%), responderam que “sim”, apontando a sua nova autonomia para a tomada de decisões, o seu desejo por novas experiências, e o facto de terem um longo futuro, cheio de possibilidades, como as principais razões para a sua fase de exploração (cf. tabela 8). O mesmo desejo de exploração também se verifica ao analisarmos as restantes respostas do questionário. De acordo os dados, 55,3% dos participantes já teve um trabalho part-time, 57,9% dos participantes já fez um estágio profissional e 50% participa ativamente em ações de voluntariado. Segundo Arnett (2015), Marshall & Butler (2016) e Severy (2018), este tipo de atividades são promotoras de uma exploração de identidade positiva, que permitem aos adultos emergentes explorar os seus gostos, interesses e valores de uma forma produtiva.

Na questão 31 “*Consideras estar a viver uma fase de instabilidade/mudanças na tua vida?*”, a maior parte dos participantes, cerca de 29 (76,3%), responderam que “sim”, destacando o seu estatuto como estudante, a sua situação financeira, e as mudanças em si e à sua volta, como as principais causas dessa instabilidade (cf. tabela 9). Também podemos observar essa “Instabilidade” ao analisarmos o percurso escolar dos participantes. De acordo com os dados 84,2% dos participantes

tiveram de sair de casa e deslocar-se para outra cidade, para estudar, mas grande parte visita frequentemente a terra natal, 14 participantes visitam todos os fins de semana. Ao longo do percurso escolar, 15,8% dos participantes mudaram de curso, 21,1% tiveram de interromper um ano letivo, e 26,3% dos participantes tiveram de repetir um ano letivo. Estes resultados vão ao encontro dos observados por Arnett (2004, 2014, 2015), nos quais este caracteriza a “Instabilidade”, como uma fase de mudanças relacionadas com as várias dimensões de exploração de um adulto emergente.

Na questão 33 “*Consideras estar a viver uma fase de foco em ti próprio/a?*”, a maior parte dos participantes, 76,3% (29), responderam que “sim”, destacando o seu desejo de autocuidado e autoaperfeiçoamento como as principais razões para esse foco (cf. tabela 10). Este “Autofoco” também se verifica, ao analisarmos as metas pessoais dos participantes para os próximos 5 anos, onde estes apontam, o cuidado com a sua saúde física e mental, o seu enriquecimento cultural, e o seu automelhoramento como as suas principais metas.

Na questão 35 “*Consideras estar a viver uma época/fase cheia de possibilidades?*”, grande parte dos participantes, 55,3% (21), responderam que “sim”, destacando a sua nova independência, a diversidade de saídas profissionais do seu curso, e o facto de ainda não terem o seu futuro definido, como as principais razões para a sua fase de possibilidades (cf. tabela 11). Podemos verificar este sentimento de “Otimismo / Possibilidade” nas razões que levaram os participantes a ingressar no ensino superior, estes acreditam que a obtenção de um curso superior vai lhes garantir mais oportunidades laborais e melhores condições de trabalho. Nesta vertente, os participantes parecem estar corretos, uma vez que, segundo dados do PORDATA, a taxa de desemprego de cidadãos com algum grau do ensino superior, em Portugal, é menor comparativamente a cidadãos com o ensino secundário (FFMS in PORDATA, 2022).

Por fim, em resposta à questão 38 “*Consideras ser um adulto?*”, apenas 31,6% (12) dos participantes afirmaram que “sim” se sentiam adultos. Já 23,7% (9) dos participantes responderam que “não”, e os restantes 42,1% (16) responderam que “em alguns aspetos sim e em outros

não” (cf. Tabela 7). Apontando a falta de independência financeira e a falta de maturidade e de responsabilidade como os principais entraves à entrada na idade adulta. Estes resultados parecem ir ao encontro dos observados por Arnett (2014), nos quais se verifica que, a maior parte dos jovens, afirma já não ser adolescente, mas também ainda não chegou à idade adulta, sentindo-se “In-between”.

Perante estes resultados, podemos concluir que a maior parte da amostra aparenta estar a passar pela idade da Adulter emergente, visto que não se considera nem adolescente, nem adulto, e apresenta as características distintivas desta fase, *e.g* sentimentos de exploração, de autofoco, de otimismo e instabilidade. Assim, como nos estudos Ferrera & Jorge (2008), Mendonça *et al.*, (2009) e Brandão *et al.*, (2012) os participantes não se consideram adultos em todas as dimensões da sua vida, e estão a passar por uma fase de indeterminação, dependentes, em parte ou totalmente, do apoio financeiro dos pais.

Podemos chegar a esta conclusão, apesar de nem todas as características apresentarem níveis similares aos observados por Arnett (2014), tal como no caso da característica das “possibilidades”. Segundo o autor, esta fase de desenvolvimento é marcada pela sua heterogeneidade, não se apresentando de uma forma universal em todos os adultos emergentes e podendo ser influenciada por diferentes contextos sociais, culturais e económicos, como no caso da amostra deste estudo, que apresenta um contexto económico e sociocultural distinto (Arnett, 2006; Arnett, 2014; Arnett, 2016).

De notar, no entanto, que dentro desta amostra existe um segundo grupo de participantes. Este grupo apresenta características inversas à maioria dos participantes, acreditam que já atingiram a idade adulta, e afirmam que não sentem as 5 principais características da Adulter emergente. Por fim, este grupo apresenta-se, na sua grande maioria, como sendo, em parte, financeiramente independente dos pais.

Relativamente aos valores e interesses vocacionais, segundo os dados, os participantes desejam um trabalho gratificante, desafiante, com um ambiente amigável e seguro, onde se sintam valorizados e possam contribuir para um mundo melhor.

Quando questionados sobre o nível de importância relativa a um grupo de aspetos sobre um trabalho, os participantes classificaram os aspetos “Realização Pessoal” e “Ambiente Amigável” como os mais importantes. Já o aspeto “Contrato de Trabalho de Curta Duração”, foi classificado como o menos importante. Este resultado difere das observações de Severy (2018), que sugerem que este aspeto devia ser mais valorizado pelos adultos emergentes, mas é facilmente explicado pelo desejo de estabilidade e segurança de trabalho, dos jovens portugueses que enfrentam um mercado de trabalho condicionado por uma crise económica (Marshall & Butler (2016), Fonseca *et al.*, 2019).

Um dado interessante, nestes resultados, é a desvalorização, por parte dos participantes, do aspeto “Posição de Liderança”. Segundo as observações de Arnett (2015) e Severy (2018), este é um aspeto muito desejado pelos adultos emergentes. Contudo, esta discrepância pode ser explicada pela prevalência dos tipos de personalidade vocacional “Investigador” e “Social” na amostra. Segundo a teoria de personalidades vocacionais de Holland, pessoas do tipo de personalidade investigadora, gostam de trabalhar com ideias e de resolver problemas mentalmente, já pessoas do tipo de personalidade social, gostam de ensinar, aconselhar e ajudar pessoas. Logo, nenhum destes tipos de personalidade vocacional, promove desejos de liderança (Nauta, 2020).

No que diz respeito as expectativas vocacionais, tal como observado por Arnett (2015) e Severy (2018), os participantes afirmaram entrar no ensino superior com altas expectativas, embora estas tenham sido alteradas pela vivência académica, a percentagem de participantes com baixas expectativas manteve-se, e a percentagem de participantes sem expectativas baixou. Estes resultados, combinados com o facto de que 63% dos participantes desejam continuar a estudar e aumentar as suas habilitações literárias, levam-nos a acreditar que as expectativas dos participantes se mantiveram positivas.

Já no que diz respeito às expectativas de futuro profissional, os participantes têm como principal expectativa obter um emprego depois de terminarem o ensino superior. De acordo com os dados, 36% dos participantes quer um emprego perto da terra natal, para estar perto da

família. Já 39% dos participantes desejam um emprego longe da terra natal, porque acreditam que esta não oferece grandes oportunidades de trabalho na sua área de estudo. Os restantes participantes, ou ainda não sabem onde querem trabalhar, ou não se importam com o local em que moram, desde que tenham trabalho.

Segundo os dados, as preocupações dos participantes face ao seu futuro profissional estão intrinsecamente ligadas às suas expectativas. Os participantes mostram-se preocupados com a possibilidade de não encontrar emprego após o término do ensino superior. Mais de 30% encontra-se preocupado com a possibilidade de não ter emprego na sua área de estudo. Cerca de 15% dos participantes, mostram-se preocupados com a possibilidade de descobrir que afinal a profissão para a qual estudaram não é a sua vocação. Alguns participantes mostram-se preocupados com a entrada na ordem da sua profissão. Já outros temem que a única possibilidade, de encontrar um emprego estável, onde haja a oportunidade, de construir uma carreira, seja no estrangeiro.

Relativamente aos planos de futuro, verificou-se que a maior parte dos participantes não tem um plano para o futuro. Estes dados corroboram as observações de Saraiva & Matos (2015), nos quais se verifica que os adultos emergentes portugueses, tendem a considerar a criação de planos, contraproduziva ao seu sucesso. Quando questionados sobre as suas metas profissionais e pessoais para os próximos 5 anos, os participantes indicam metas específicas, tal como acabar os estudos, obter da sua independência financeira, cuidar da sua saúde física/mental e continuar a explorar a sua identidade e os seus interesses. Comparativamente, quando questionados sobre as suas metas profissionais e pessoais para os próximos 10 anos, os participantes indicam mais desejos do que metas, tal como ter um emprego estável e bem remunerado, ter uma residência própria, ter um relacionamento amoroso sólido e ter filhos. Estes resultados parecem corroborar a ideia de que os jovens portugueses vivem a Adulterz emergente a dois tempos, uma fase de exploração pessoal e realização profissional, seguida de uma fase de responsabilidades e compromissos duradouros (Guerreiro & Abrantes (2004), (2007), citados por Saraiva & Matos, 2015 p.120).

No que diz respeito aos relacionamentos familiares, a maior parte dos participantes aparentam ter um relacionamento próximo com os seus pais, verificando-se que mais de 70% dos participantes fala com os pais todos os dias. De acordo com os dados, para a maior parte dos participantes, este relacionamento não sofreu alterações com a entrada no ensino superior. Apenas 18 participantes afirmam que este relacionamento sofreu mudanças significativas, destes, 10 participantes dizem que as mudanças foram positivas, e 3 dizem que as mudanças foram negativas.

Segundo os dados a maior parte dos participantes (78,9%) sente que existe um respeito mútuo com os pais e que estes valorizavam a sua opinião. Estes resultados parecem corroborar os observados por Arnett (2015), nos quais se verifica que os pais tendem a adaptar o seu tratamento dos filhos, perante o aumento da sua maturidade, tratando-os de uma forma mais igualitária.

Relativamente ao suporte parental, verificou-se que a maior parte dos participantes recebe mais de 50% de apoio financeiro e psicológico/emocional dos pais (cf. Anexo C). Estes resultados parecem corroborar as observações de Saraiva & Matos (2015), nas quais se verifica que os pais portugueses são dos que mais apoiam financeiramente os seus adultos emergentes. Quanto à satisfação com os níveis de suporte parental, os dados mostram que quanto maior for a percentagem de suporte recebida maior será a satisfação com esse suporte. No entanto, constatou-se algumas exceções a esta regra, já que um grupo de 7 participantes declarou baixos níveis de suporte financeiro, mas apresentou altos níveis de satisfação com esse suporte. Já outro grupo de 4 participantes declarou o mais alto nível de suporte financeiro possível, *e.g.* “100%”, contudo não registou o nível mais alto de satisfação, *e.g.* “10”. Estes resultados podem ser explicados pelo alto nível de importância que os adultos emergentes portugueses dão à autonomia financeira. Um outro dado interessante relativo ao suporte parental verifica-se na grande percentagem de participantes (47%) que sentem uma especial obrigação filial de reciprocidade perante os seus pais. Estes dados corroboram as observações de Coimbra & Mendonça, (2013) e Guerreiro & Abrantes (2007, citados por Saraiva & Matos, 2015 p. 127), segundo o qual se verifica que os adultos emergentes portugueses, sentem

um desejo de reciprocidade filial, para compensar o suporte recebido dos seus pais.

Por fim, tendo em conta as questões literárias discutidas, os dados analisados e os resultados obtidos, podemos concluir que grande parte da amostra aparenta estar preparada para tomar as decisões vocacionais da idade adulta, visto que têm uma perceção clara dos seus objetivos, interesses, e competências, encontra-se a estudar na área diretamente ligada ao trabalho que desejam exercer no futuro e apresenta comportamentos positivos para a construção da sua carreira.

De notar que a amostra também contém um outro grupo de participantes que apresenta características opostas às da maioria. Este grupo sente-se indeciso e pessimista em relação ao seu futuro profissional e ainda não adotou comportamentos positivos para a construção da sua carreira. Visto que, o sistema educacional europeu, não apresenta, a mesma facilidade de exploração vocacional, do sistema americano, constatamos que, talvez, este grupo, podia beneficiar de aconselhamento de carreira, que segundo a observações de Greenleaf (2014, citado por Severy, 2018, p80) e de Marshall & Butler (2016), pode amentar significativamente as suas hipóteses de encontrar a sua vocação.

VI- Considerações finais

À vista dos resultados obtidos, parece que as alterações do período de transição entre a adolescência e a idade adulta, fruto do confronto entre as grandes mudanças socioeconómicas globais, e o contexto cultural vivido, criaram, entre os jovens, uma nova opinião acerca do que define o estatuto de adulto. Por esta razão, torna-se essencial continuar a estudar o período da Adulter emergente, e o seu impacto nas várias dimensões vividas pelos estudantes universitários.

Como é típico neste tipo de trabalhos, o presente estudo apresenta algumas limitações, principalmente ligadas à constituição da amostra, que tem uma distribuição não uniforme dentro das dimensões do sexo e da idade. Mais de 70% dos participantes são do sexo feminino, e 55% da amostra apresenta-se com idade entre os 21 e os 23 anos (cf. Tabela 1), o que representa uma pequena parte de um grupo, que segundo o construto

de Arnett pode ter entre 18 e 29 anos.

Por outro lado, ao contrário do teste da versão beta, que se realizou de forma presencial, o método de recolha de dados utilizado na versão final foi um questionário *online*. Esta alteração deveu-se às restrições da pandemia da Covid-19 e poderá ter afetado a forma como algumas questões foram recebidas/percebidas pelos participantes verificando-se que algumas perguntas teriam beneficiado da presença da investigadora, no sentido de clarificar a resposta, o qual, este contexto não permitia. Convém referir que ao longo da análise das respostas, percebeu-se que o tamanho do questionário, a formulação e a natureza pessoal de algumas perguntas podem ter provocado algum cansaço, desconforto e confusão nos participantes, a avaliar pela quantidade de respostas deixadas em banco e pela quantidade de respostas de nível neutro nas perguntas de seleção. De forma a evitar este facto, em futuros estudos deverão ser reformuladas as questões que não permitam obter informação pertinente para a temática estudada, permitindo tornar o questionário mais simples e menos extenso.

Em suma, teria sido preferido fazer um estudo, em condições normais, sem a pandemia, a partir de uma amostra maior, tendo a oportunidade de analisar os dados na dimensão do sexo, que devido à dimensão e distribuição da amostra, optou-se por não o fazer.

Assim, sugere-se que em futuras investigações se dê continuidade ao trabalho aqui iniciado com uma amostra mais representativa. Seria importante estudar de que forma as várias dimensões da Adultez emergente são experienciadas pelos diversos géneros (feminino, masculino, não-binário, entre outros). Seria interessante explorar o ponto de vista dos pais em relação a esta época, assim como perceber de que forma a saúde mental afeta a vivência académica, se os dados recolhidos foram influenciados pela situação pandémica, ou se revelam um crescente problema nesta população que devia ser combatido pelas instituições académicas.

Por fim gostaríamos que este estudo constitui-se em um pequeno contributo para o conhecimento das vivências e das expectativas vocacionais dos adultos emergentes no ensino superior.

VII- Bibliografia

- Adams, A. C., & Sharkin, B. (2018). Problems Associated with Emerging Adulthood. In Arnett, J. J., & Murray, J. L. (Eds.) *Emerging Adulthood and Higher Education* (p. 89–109). Routledge.
- Arnett, J. J. (2000). Emerging adulthood: A theory of development from the late teens through the twenties. *American Psychologist*, 55(5), 469–480.
<https://doi.org/10.1037/0003-066x.55.5.469>
- Arnett, J. J. (2004). *Emerging Adulthood: The winding road from the late teens through the twenties*. Oxford University Press
- Arnett, J. J. (2006). Emerging adulthood in Europe: A response to Bynner. *Journal of Youth Studies*, 9(1), 111–123.
- Arnett, J. J. (2014). Presidential Address: The Emergence of Emerging Adulthood: A Personal History. *Emerging Adulthood*, 2(3), 155–162.
<https://doi.org/10.1177/2167696814541096>
- Arnett, J. J. (2015). *Emerging adulthood: The winding road from the late teens through the twenties* (2nd ed.). Oxford University Press
- Arnett, J. J. (2016). Does emerging adulthood theory apply across social classes? National Data on a Persistent Question. *Emerging Adulthood*, 4(4), 227–235. <https://doi.org/10.1177/2167696815613000>
- Arnett, J. J. (2018). Conceptual foundations of Emerging Adulthood. In Arnett, J. J., & Murray, J. L. (Eds.). *Emerging Adulthood and higher education* (pp. 11–24). Routledge.
- Arnett, J. J., Žukauskienė, R., & Sugimura, K. (2014). The new life stage of emerging adulthood at ages 18–29 years: implications for mental health. *The Lancet Psychiatry*, 1(7), 569–576. [https://doi.org/10.1016/s2215-0366\(14\)00080-7](https://doi.org/10.1016/s2215-0366(14)00080-7)
- Associação Psiquiátrica Americana. (2013). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais* (5^a ed.). Arlington, VA: American Psychiatric Publishing.
- Brandão, T., Saraiva, L., & Matos, P. M. (2012). O prolongamento da transição para a idade adulta e o conceito de adultez emergente: Especificidades do contexto português e brasileiro. *Análise Psicológica*, 30(3), 301–313
- Holland, J. L. (1973). *Making vocational choices: A theory of careers*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.

- Holland, J. L. (1985). *Making vocational choices: A theory of vocational personalities and work environments* (2nd ed.). Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- Holland, J. L. (1997). *Making vocational choices: A theory of vocational personalities and work environments* (3rd ed.). Odessa, FL: Psychological Assessment Resource
- INE. (2010). Classificação Portuguesa das Profissões <https://www.pordata.pt/Portugal/Popula%3%a7%3%a3o+ativa+total+e+por+n%3%advel+de+escolaridade+completo-1008>
- Mendonça, M., Andrade, C., & Fontaine, A. M. (2009). Transição para a Idade Adulta e Adulter Emergente: Adaptação do Questionário de Marcadores da Adulter junto de Jovens Portugueses. *Psychologica*, 51, 147-168
- Ferreira, J. A., & Jorge, A. (2008). Para compreensão da adulter emergente em Portugal. *Psychologica*, 48, 159-173.
- FFMS. (2022 a). Idade média da mãe ao nascimento do primeiro filho. *PORDATA – Estatísticas, gráficos e indicadores de Municípios, Portugal e Europa*. Retrieved May 17, 2023, from <https://www.pordata.pt/portugal/idade+media+da+mae+ao+nascimento+do+primeiro+filho-805>
- FFMS. (2022 b). Idade média ao primeiro casamento, por sexo. *PORDATA – Estatísticas, gráficos e indicadores de Municípios, Portugal e Europa*. Retrieved May 17, 2023, from <https://www.pordata.pt/portugal/idade+media+ao+primeiro+casamento++por+sexo-421>
- FFMS. (2022 c). População ativa: total e por nível de escolaridade completo. *PORDATA – Estatísticas, gráficos e indicadores de Municípios, Portugal e Europa*. Retrieved May 17, 2023, from <https://www.pordata.pt/portugal/populacao+ativa+total+e+por+nivel+de+escolaridade+completo-1008>
- FFMS. (2022 d). Alunos matriculados no ensino superior: total e por sexo. *PORDATA – Estatísticas, gráficos e indicadores de Municípios, Portugal e Europa*. Retrieved May 17, 2023, from <https://www.pordata.pt/portugal/alunos+matriculados+no+ensino+superior+total+e+por+sexo-1048>
- FFMS. (2022 e). Taxa de desemprego, dos 15 aos 64 anos, por grupo etário. *PORDATA –*

Estatísticas, gráficos e indicadores de Municípios, Portugal e Europa. Retrieved May 17, 2023, from <https://www.pordata.pt/europa/taxa+de+desemprego++dos+15+aos+64+anos++por+grupo+etario-1798>

FFMS. (2022 f). Taxa de desemprego, dos 15 aos 74 anos: total e por nível de escolaridade. *PORDATA – Estatísticas, gráficos e indicadores de Municípios, Portugal e Europa*. Retrieved May 17, 2023, from <https://www.pordata.pt/europa/taxa+de+desemprego++dos+15+aos+74+anos+total+e+por+nivel+de+escolaridade-1633>

Fingerman, K. L., & Yahirun, J. J. (2016). Emerging Adulthood in the Context of Family. In Arnett, J. J. (Ed.), *The Oxford handbook of emerging adulthood*.(pp. 163-176). Oxford University Press

Fonseca, G., da Silva, J. T., Paixão, M. P., Crespo, C., & Relvas, A. P. (2019). Future Hopes and Fears of Portuguese Emerging Adults in Macroeconomic Hard Times: The Role of Economic Strain and Family Functioning. *Emerging Adulthood*, 8(6), 476–484. <https://doi.org/10.1177/2167696819874956>

Marshall, E. A., & Butler, K. (2016). School-to-Work transitions in emerging adulthood. In Arnett, J. J. (Ed.), *The Oxford handbook of emerging adulthood*.(pp.316-333). Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199795574.013.27>

Mullendore, R., Daniel, C., & Toney, M. (2018). The Role of Parents in Emerging Adulthood. In Arnett, J. J., & Murray, J. L. (Eds.). *Emerging Adulthood and Higher Education* (p. 110–126). Routledge.

Nauta, M. M. (2020). Holland's Theory of Vocational Choice and Adjustment. In S. D. Brown & R. W. Lent (Eds.) *Career development and counseling: putting theory and research to work (3rd ed.)*, (pp. 61-94). Hoboken, New Jersey: John Wiley & Sons, Inc.

Saraiva, L. M., & Matos, P. M.(2015). Becoming an adult in Portugal: Negotiating pathways between opportunities and constraints. In Zukauskienė, R. (Ed.), *Emerging adulthood in a european context* (1st ed.). (pp 117-137). Taylor & Francis. Retrieved from <https://books.google.pt/books?id=Y4s0CwAAQBAJ&printsec=frontcover#v=onepage&q&f=false> (Original work published 2015)

Severy, L. (2018). Career development in emerging adulthood. In Arnett, J. J., & Murray, J. L. (Eds.). *Emerging Adulthood and Higher Education* (pp. 75–88).

Routledge.

- Silva, J. M. T. (2006). Análise psicométrica de um questionário de interesses vocacionais baseado na teoria de Holland. *Psicologia e Educação*, 5, 77-88
- Silva, J. M. T. (2007). Questionário de Interesses Vocacionais – Revisto (QIV –R). Coimbra, NOEP, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra.
- Silva, J. M. T. (2014). Questionário de interesses vocacionais – revisto (QIV-R). Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Spokane, A. R., & Cruza-Guet, M. C. (2005). Holland's theory of vocational personalities in work environments. In S. D. Brown & R. W. Lent (Eds.) *Career development and counseling: putting theory and research to work* (pp. 24-41). Hoboken, New Jersey: John Wiley & Sons, Inc
- Spokane, A. R., Luchetta, E. J., & Richwine, M. H.,(2002). Holland's theory of personalities in work environments. In Brown, D. (Eds). *Career choice and development (4rd ed.)*, (pp. 373-426). Jossey-Bass
- Syed, M. (2016). Emerging adulthood: Development stage,theory, or nonsense? In Arnett, J. J. (Ed.), *The Oxford handbook of emerging adulthood*.(pp. 11-25). Oxford University Press.
- Tanner J. L. (2016). Mental health in Emerging Adulthood. In Arnett, J. J. (Ed.), *The Oxford handbook of emerging adulthood*.(pp. 499-520). Oxford University Press.

VIII- Anexos

Anexo A- Entrevista (Versão Final)

27/06/23, 11:56

A Aduldez Emergente e as expectativas de futuro vocacional em Estudantes Universitários

A Aduldez Emergente e as expectativas de futuro vocacional em Estudantes Universitários

Olá a tod@s,

Sou aluna do 5º ano do Mestrado Integrado em Psicologia, área de Psicologia da Educação, Desenvolvimento e Aconselhamento, da Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Encontro-me, de momento, a realizar a minha dissertação de mestrado sob a orientação do Prof. Doutor Pedro Urbano, que se baseia no estudo das características da Aduldez Emergente em estudantes universitari@s, assim como as suas expectativas de futuro profissional.

Se tens mais de 18 anos de idade e és estudante da Universidade de Coimbra, apelo à tua participação neste estudo realizado online, que não ocupará muito do teu tempo, uma vez que tem uma duração média de 35 minutos.

A tua colaboração consiste no preenchimento de um questionário de autorresposta, onde deves escolher a resposta que achares mais adequada para ti, da forma mais sincera e espontânea possível, não existindo respostas certas ou erradas.

É importante que saibas que a tua participação é totalmente voluntária e anónima, podendo desistir a qualquer momento, se assim o entenderes. Os resultados obtidos são anónimos (não havendo qualquer identificação d@ participante) e estritamente confidenciais (ninguém terá acesso a eles além da investigadora) e apenas utilizados para efeitos de investigação.

Em caso de dúvidas que possam surgir, não hesites em contactar a investigadora:

Carolina Duarte – duartecvcarol.1621@gmail.com

CONTÓ COM A TUA COLABORAÇÃO!

Muito obrigada a tod@s!

** Indica uma pergunta obrigatória*

1. Declaro que compreendo o que li e aceito que as minhas respostas sejam tratadas para fins de pesquisa deste estudo. *

Marcar apenas uma oval.

Aceito

Não Aceito *Pular para a seção 12 (Obrigada pela colaboração)*

Dados Pessoais

2. Idade: *

3. Sexo: *

Marcar apenas uma oval. Masculino Femenino Outro:

4. Estado Civil: *

Marcar apenas uma oval. Solteiro/a Casado/a União de facto Viúvo/a Divorciado/a Outro:

5. Idade do pai: *

6. Nível de escolaridade do pai: *

7. Situação profissional do pai: *

Marcar apenas uma oval. Empregado Desempregado Reformado Outro:

8. Profissão do pai: *

Por favor, evitar descrições vagas (por exemplo "empresário") e, se possível, indicar há quanto tempo está nessa situação profissional. Caso seja reformado ou caso seja desempregado, indicar qual a profissão anterior.

9. Idade da mãe: *

10. Nível de escolaridade da mãe: *

11. Situação profissional da mãe: *

Marcar apenas uma oval.

Empregada

Desempregada

Reformada

Outro: _____

12. Profissão da mãe: *

Por favor, evitar descrições vagas (por exemplo "empresária") e, se possível, indicar há quanto tempo está nessa situação profissional. Caso seja reformada ou caso seja desempregada indicar qual a profissão anterior.

13. Os teus pais estão: *

Marcar apenas uma oval.

Casados há menos de 20 anos

Casados há mais de 20 anos

Em união de facto

Separados

Divorciados há menos de 10 anos

Divorciados há mais de 10 anos

Outro: _____

14. Tens Irmãos? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

15. Se Sim, quantos?

16. Se Sim, qual a tua posição na ordem de nascimento?

Indica qual a tua posição na fratria (1º, 2º, 3º...)

17. Ano de Ingresso no Ensino Superior: *

18. Faculdade: *

19. Curso: *

20. Ano que frequentas: *

Marcar apenas uma oval.

1º Ano

2º Ano

3º Ano

4º Ano

5º Ano

6º Ano

Outro: _____

21. Neste momento encontras-te: *

Marcar apenas uma oval.

Só a estudar

Estudar e a trabalhar em tempo parcial

Estudar e a trabalhar a tempo inteiro

22. Tens o estatuto de estudante bolseiro? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

23. Tens o estatuto de trabalhador estudante? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

24. A entrada no Ensino Superior implicou a tua saída de casa? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

25. Se Sim, encontras-te a viver...

Marcar apenas uma oval.

Numa residência universitária

Sozinh@ num apartamento

Num apartamento com outros estudantes

Numa casa/apartamento com familiares

Numa República

Outro: _____

26. Quem suporta as tuas despesas? *

Como despesas podes considerar propinas, renda, alimentação, etc

27. Alguma vez recebeste apoio de Aconselhamento de Carreira? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

28. Se Sim, quando e que tipo de apoio?

Características da Adulter Emergente

29. Consideras estar a viver uma fase de exploração/procura/busca? Porquê?

30. Se sim, de que forma(s) sentes estar a viver essa exploração?

31. Consideras estar a viver uma fase de instabilidade/mudanças na tua vida? Porquê?

32. Se sim, de que forma(s) sentes estar a viver essa instabilidade/mudanças na tua vida?

33. Consideras estar a viver uma fase de foco em ti próprio/a? Porquê?

34. Se sim, de que forma(s) vives esse foco?

35. Consideras estar a viver uma época/fase cheia de possibilidades? Porquê?

36. Se sim, de que forma(s) sentes essas possibilidades?

37. Na tua opinião, o que caracteriza um adulto?

38. Consideras ser um adulto? Porquê?

QUESTIONÁRIO DE INTERESSES VOCACIONAIS – VERSÃO REVISTA
(Parte I)

Instrumento da autoria de J. Tomás da Silva (2007/2010, versão revista). Universidade de Coimbra.

39. De seguida vais encontrar títulos de 30 profissões e uma breve descrição das * atividades profissionais representativas de cada uma delas. Depois de ler cada título, indica qual o grau de interesse que te suscita em cada uma das profissões apresentadas.

Marcar apenas uma oval por linha.

	Desagrada Muito	Desagrada	Nem Agrade, Nem Desagrada	Agrade	Agrade Muito
Carpinteiro/a (Executa, monta e assenta estruturas e elementos de madeira ou produtos afins utilizando ferramentas manuais ou mecânicas).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Biólogo/a (Estuda todas as manifestações de vida, com o fim de desenvolver o conhecimento científico e fazer a sua aplicação prática em campos como a indústria, medicina, agricultura ou biologia marítima).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Pianista (Estuda e ensaia a partitura musical; segue, se é membro de orquestra, as indicações fornecidas pelo regente).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Professor/a do Ensino Básico (Ensina em estabelecimentos do ensino básico, transmitindo as primeiras noções de aritmética, gramática, leitura e outras, utilizando métodos pedagógicos e técnicas apropriadas).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Diretor/a de Vendas (Planeia, dirige e coordena as atividades das vendas de uma empresa industrial, comercial ou de serviços).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Operador/a de Caixa de Loja (de comércio) (Recebe e verifica pagamentos de mercadorias ou serviços em estabelecimentos de comércio ou outros).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Engenheiro/a Mecânico/a (Estuda e elabora pareceres e projectos de máquinas, equipamentos, instalações e sistemas mecânicos e supervisiona a sua fabricação, montagem, reparação e manutenção).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Químico/a (Efetua experiências, ensaios e análises a fim de investigar os fenómenos, desenvolver ou aperfeiçoar matérias-primas, produtos e processos industriais de produção).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Restaurador/a (Repara peças e obras de arte, tais como pinturas, esculturas ou cerâmicas danificadas utilizando técnicas apropriadas e respeitando as características originais das peças).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Animador/a Sociocultural (Organiza, coordena e/ou desenvolve actividades de animação e desenvolvimento sociocultural em grupos ou comunidades).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

QUESTIONÁRIO DE INTERESSES VOCACIONAIS – VERSÃO
REVISTA(Parte II)

Instrumento da autoria de J. Tomás da Silva (2007/2010, versão revista). Universidade de Coimbra.

40. De seguida vais encontrar títulos de 30 profissões e uma breve descrição das * atividades profissionais representativas de cada uma delas. Depois de ler cada título, indica qual o grau de interesse que te suscita em cada uma das profissões apresentadas.

Marcar apenas uma oval por linha.

	Desagrada Muito	Desagrada	Nem Agrade, Nem Desagrada	Agrade	Agrade Muito
Vendedor(a) Demonstrador/a (Vende produtos em lojas ou supermercados e promovem a qualidade e utilização dos mesmos).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Contabilista (Organiza e supervisiona os serviços de contabilidade. Dá pareceres sobre problemas de natureza contabilística a empresas ou instituições).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Canalizador/a (Monta, conserva e repara tubos, acessórios e aparelhos de distribuição de água).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Médico/a (Planeia e desenvolve ações no domínio da prevenção e assistência clínica, assegurando a generalidade dos cuidados médicos aos seus utentes).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Pintor/a de cerâmica (Pinta motivos decorativos em artigos de vidro ou cerâmica, utilizando materiais adequados).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Assistente Social (Promove a resolução de problemas sociais, educacionais ou a readaptação social de indivíduos, grupos ou comunidades, através da mobilização de vários recursos).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Advogado/a (Aconselha clientes acerca dos seus direitos e obrigações e defende as posições e interesses do réu perante os tribunais, em causas penais, administrativas ou outras).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Secretário/a de Administração (Dirige o funcionamento administrativo; define e controla os procedimentos adequados para a execução do plano de trabalho; interpreta e põe em prática as solicitações recebidas).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Topógrafo/a (Efetua levantamentos topográficos, tendo em vista a elaboração de plantas e mapas que se destinam à preparação de trabalhos de engenharia).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Veterinário/a (Planeia e desenvolve ações no domínio da prevenção e assistência clínica ou na inspeção de produtos de origem animal).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

QUESTIONÁRIO DE INTERESSES VOCACIONAIS – VERSÃO
REVISTA(Parte III)

Instrumento da autoria de J. Tomás da Silva (2007/2010, versão revista). Universidade de Coimbra.

41. De seguida vais encontrar títulos de 30 profissões e uma breve descrição das * atividades profissionais representativas de cada uma delas. Depois de ler cada título, indica qual o grau de interesse que te suscita em cada uma das profissões apresentadas.

Marcar apenas uma oval por linha.

	Desagrada Muito	Desagrada	Nem Agrada, Nem Desagrada	Agrada	Agrada. Muito
Pintor/a de Arte (Pinta composições abstractas, representativas, retratos, paisagens e naturezas mortas, utilizando materiais e técnicas diversas).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Esteticista (Trata e embeleza a pele do rosto e corpo de clientes, aplicando diversos produtos de beleza).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Director/a de Recursos Humanos (Planeia, dirige e coordena as pessoas numa empresa industrial, comercial ou outra).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Operador/a de Registo de Dados (Opera e regista dados num terminal de computador, ou outro equipamento informático e verifica a exactidão dos dados registados).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Pasteleiro/a (Prepara, cozinha e procede à guarnição de alimentos em restaurantes e estabelecimentos similares).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Técnico/a de Laboratório (análises físicas) (Efectua experiências e ensaios, sob orientação, no âmbito da investigação dos fenómenos físicos ou na indústria).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Desenhador/a de moda para a indústria (Desenha modelos de produtos para a indústria tendo em conta a finalidade utilitária dos mesmos ou as tendências da moda em termos de design).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Terapeuta da Fala (Avalia e trata as deficiências da fala. Reeduca alterações de linguagem utilizando métodos e técnicas mais apropriadas).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Técnico/a de Publicidade e Marketing (Planeia, dirige e coordena as actividades de uma empresa na área da publicidade e da promoção das vendas dos produtos ou serviços).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Operador/a de Caixa de Banco (Recebe e paga numerário e valores num estabelecimento bancário e regista as respectivas operações).	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

Percurso Académico

42. Qual foi a tua área de estudo durante o ensino secundário? *

Marcar apenas uma oval.

- Ciências e Tecnologias
- Ciências Socioeconómicas
- Línguas e Humanidades
- Artes Visuais
- Outro: _____

43. Quais foram as razões que te levaram a seguir os estudos no ensino superior? *

44. Quais as razões que te levaram a escolher o curso que frequentas? *

45. O curso que frequentas foi a tua primeira opção? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

46. Se Não, qual era a primeira opção?

47. Alguma vez mudaste de curso? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

48. Se Sim, quais foram as razões?

49. Alguma vez interrompeste o ano letivo? *

Marcar apenas uma oval.

- Sim
- Não

50. Se Sim, quais foram as razões?

51. Alguma vez repetiste um ano letivo? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

52. Se Sim, quais foram as razões?

53. Alguma vez deixaste alguma disciplina para repetir? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

54. Normalmente completas uma disciplina na primeira época de avaliações? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

55. Normalmente tendes a utilizar a Época de Recurso para fazer melhorias? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

Outras Atividades/ Atividades Extracurriculares

56. Alguma vez fizeste um trabalho part-time? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

57. Se Sim, que tipo de part-time?

58. Se Sim, durante (aproximadamente) quanto tempo?

59. Se Sim, que tipo de funções exercias?

60. Se Sim, quais foram as razões que te levaram a fazer um part-time?

61. Alguma vez fizeste voluntariado? *
Marcar apenas uma oval.
- Sim
 Não
62. Se Sim, que tipo de voluntariado?

63. Se Sim, durante (aproximadamente) quanto tempo?

64. Se Sim, que tipo de funções exercias?

65. Se Sim, quais foram as razões que te levaram a fazer voluntariado?

66. Alguma vez fizeste um estágio na tua área de estudo? *
Marcar apenas uma oval.
- Sim
 Não
67. Se Sim, que tipo de estágio?

68. Se Sim, durante (aproximadamente) quanto tempo?

69. Se Sim, que tipo de funções exercias?

70. Se Sim, quais foram as razões que te levaram a fazer esse estágio?

Gostos e valores profissionais

71. Lembras-te quais eram as disciplinas que mais gostavas no ensino secundário? *

72. O que gostas de fazer nos tempos livres? *

73. Que tipo de tarefas/trabalhos consideras ser bom/boa a desempenhar? *

74. Lembras-te qual era a profissão que desejavas ter quando eras criança? *

75. Na tua opinião, quais são as características que um trabalho deve ter para o considerares o teu trabalho ideal? *

76. Na tua opinião, quais são as características que tornam um trabalho gratificante? *

77. Classifica os aspetos relativos a um trabalho indicados abaixo, numa das seguintes categorias: Nada Importante/ Moderadamente Importante/ Muito Importante *

Marcar apenas uma oval por linha.

	Nada Importante	Moderadamente Importante	Muito Importante
Salário Elevado	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Realização Pessoal	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ambiente Amigável	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Ambiente Competitivo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Trabalho de Equipa	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Posição de Liderança	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Contrato de Trabalho de Longa Duração	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Contrato de Trabalho de Curta Duração	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Horário de Trabalho Fixo	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Horário de Trabalho Flexível	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Possibilidade de Avanço de Carreira	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

78. Qual seria para ti o teu trabalho de sonho? Porquê? *

Planos e expectativas para o futuro

79. Tens expectativas de terminar a licenciatura/mestrado em que te encontras? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

80. Tens expectativas de seguir o estudo no ensino superior e aumentar o teu nível profissional com um Mestrado ou Doutoramento?

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

*

81. Que expectativas tinhas antes de entrar no ensino superior? *

82. Que expectativas tens para o resto do teu percurso no ensino superior? *

83. Na tua opinião quais foram as coisas mais positivas e menos positivas durante a tua vida académica até agora? *

84. Tens expectativas de modificar alguma coisa na tua vida académica futura? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

85. Se Sim, o quê?

86. Quais as expectativas que tens em relação à tua vida profissional após sair da Universidade? *

87. Tens um plano de ação desenhado para o teu futuro? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

88. Se Sim, qual é?

89. Que metas (profissionais ou pessoais) visas atingir nos próximos 5 anos? *

90. Que metas (profissionais ou pessoais) visas atingir nos próximos 10 anos? *

91. Quais são as maiores preocupações que tens em relação ao teu futuro profissional? *

92. Quais são os aspetos na tua vida que mais anseias que mudem no teu futuro? *

93. Quais são os aspetos que consideras antes de tomar uma decisão importante? *

94. A opinião dos teus amigos e familiares é um desses aspetos? *

Marcar apenas uma oval.

sim

Não

Relações Interpessoais

95. Consegues fazer uma estimativa da frequência com que falas com os teus pais? *

Marcar apenas uma oval.

Não

Não sei ao certo varia muito

Todos os dias

3 a 4 vezes por semana

1 a 2 vezes por semana

2 vezes por mês

1 vez por mês

Outro: _____

96. Qual foi a reação dos teus pais à tua decisão em prosseguir o estudo ao nível superior/universitário? *
- _____
97. Qual foi a reação dos teus pais à escolha do teu curso? *
- _____
98. Que tipo de conselhos recebeste, por parte dos teus pais, enquanto estavas a fazer a escolha de curso? *
- _____
99. O teu relacionamento com os teus pais sofreu mudanças significativas (positivas e/ou negativas) após a entrada na universidade? *
- Marcar apenas uma oval.*
- Sim
- Não
100. Se Sim, consegues lembrar-te quais foram essas mudanças?
- _____
101. Sentes-te pressionado/a pelas expectativas dos teus pais? *
- Marcar apenas uma oval.*
- Sim
- Não
102. Se Sim, que tipo de pressões é que exercem sobre ti?
- _____
103. Sentes um sentimento de obrigação familiar/filial de reciprocidade/reciprocidade para com os teus pais? *
- Marcar apenas uma oval.*
- Sim
- Não
104. Se Sim, de que forma?
- _____
105. Sentes que existe respeito mútuo na tua relação com os teus pais? *
- Marcar apenas uma oval.*
- Sim
- Não

106. Sentes que os teus pais valorizam a tua opinião? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

107. Em ambos os casos, de que forma? *

108. Faz uma estimativa percentual do nível de suporte financeiro que recibes dos teus pais: *

Por favor indica a percentagem indicativa do nível desse suporte (Por exemplo se não existe suporte indicar 0% se é a única fonte de suporte indica 100%)

109. Qual é o nível de satisfação que sentes em relação a esse suporte financeiro? *

Marcar apenas uma oval.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Não satisfeito/a Muito satisfeito

110. Faz uma estimativa percentual do nível de suporte psicológico/ emocional que recibes dos teus pais: *

Por favor indica a percentagem indicativa do nível desse suporte (Por exemplo se não existe suporte indicar 0% se é a única fonte de suporte indica 100%)

111. Qual é o nível de satisfação que sentes em relação a esse suporte? *

Marcar apenas uma oval.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10

Não satisfeito/a Muito satisfeito

112. Durante o ano letivo resides permanentemente em Coimbra? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

113. Quantas vezes regressas a casa? Porquê? *

114. Após terminar o teu curso, desejas encontrar emprego mais perto ou mais longe da tua terra natal? Porquê? *

Obrigada pela colaboração

Em caso de dúvidas que possam surgir, não hesites em contactar a investigadora:

Carolina Duarte – duartecvcarol.1621@gmail.com

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

Anexo B- Entrevista (Versão Beta)

A Adulterez Emergente e as expectativas de futuro vocacional em Estudantes Universitários

Guião de Entrevista (Versão Beta)

Secção I: Dados Sociodemográficos

1. Data de nascimento:
2. Sexo:
3. Estado civil:
4. Ano de Ingresso ao ensino superior:
5. Faculdade/Curso:
6. Ano de Curso:
7. Idade do pai:
8. Idade da mãe:
9. Nível de escolaridade do pai:
10. Nível de escolaridade da mãe:
11. Profissão do pai:
12. Profissão da mãe:
13. Tens o estatuto de estudante bolsheiro?
14. Quem suporta as tuas despesas?(*propinas, renda, alimentação, etc*)
15. Alguma vez recebeste apoio de Aconselhamento de Carreira? Se sim, quando e que tipo de apoio?

Secção II: Percurso Escolar

16. Qual foi a tua área de estudo durante o ensino secundário?
17. Quais foram as razões que te levaram a seguir os estudos no ensino superior?
18. Quais as razões que te levaram a escolher este curso?
19. O curso que frequentas foi a tua primeira opção?
20. Se não, qual era a primeira opção?
21. Alguma vez mudaste de curso? Se sim, quais as razões?
22. Alguma vez interrompeste o ano lectivo? Se sim, quais as razões?
23. Alguma vez repetiste um ano lectivo? Se sim, quais as razões?
24. Alguma vez deixaste alguma disciplina para repetir? Se sim, quantas e quais as razões?
25. Normalmente completas uma disciplina na primeira época de avaliações?
26. Normalmente tendes a utilizar a época de recurso para fazer melhorias?

Secção III: Outras Atividades/ Atividades Extracurriculares

27. Alguma vez realizas-te um trabalho part-time?
 - 27.1. Que tipo de part-time realizas-te?
 - 27.2. Durante quanto tempo realizas-te esse part-time?
 - 27.3. Que tipo de funções exerci-as nesse part-time?
 - 27.4. Quais foram as razões que te levaram a realizar esse part-time?

28. Alguma vez realizas-te voluntariado?
- 28.1. Que tipo de voluntariado realizas-te?
- 28.2. Durante quanto tempo realizas-te esse voluntariado?
- 28.3. Que tipo de funções exerci-as nesse voluntariado?
- 28.4. Quais foram as razões que te levaram a realizar esse voluntariado?

Secção IV:Gostos/Valores profissionais

29. Quais as disciplinas que mais gostavas no ensino secundário?
30. O que gostas de fazer nos tempos livres?
31. Que tipo de tarefas/trabalhos consideras ser bom/boa a desempenhar?
32. Qual era o trabalho que desejavas desempenhar quando eras criança?
33. Na tua opinião quais são as características que um trabalho deve ter para o considerares o teu trabalho ideal?
34. Na tua opinião quais são as características que tornam um trabalho gratificante?
35. Quão importante para ti são os seguintes aspetos num trabalho? Classifique-as numa das seguintes categorias: nada importante(1)/ moderadamente importante(2)/ muito importante(3).

Aspetos	Nada importante	Moderadamente importante	Muito importante
Salário elevado			
Realização pessoal			
Ambiente amigável			
Ambiente competitivo			
Trabalho de equipa			
Posição de liderança			
Possibilidade de avanço de carreira			

36. Atualmente qual é o teu trabalho de sonho? Porquê?

Secção V:Planos/Expectativas para o futuro

37. Tens expectativas de terminar a licenciatura/mestrado em que te encontras?

38. Tens expectativas de seguir o estudo no ensino superior e aumentar o teu nível profissional com um Mestrado ou Doutoramento?(se se aplicar)
39. Que expectativas tinhas antes de entrar no ensino superior?
40. Que expectativas tens para o resto do teu percurso no ensino superior?
41. Na tua opinião quais as coisas que foram mais positivas e menos positivas durante a tua vida académica até agora?
42. Tens expectativas de modificar alguma coisa na tua vida académica futura? Se sim, o quê?
43. Quais as expectativas que tens em relação à sua vida profissional após sair da Universidade?
44. Tens um plano de ação desenhado para o teu futuro? Se sim, qual é?
 - 44.1. Que metas(profissionais ou pessoais) visas atingir nos próximos 5 anos?
 - 44.2. Que metas(profissionais ou pessoais) visas atingir nos próximos 10 anos?
45. Quais são as maiores preocupações que tens em relação ao teu futuro profissional?
46. Quais são os aspetos na tua vida que mais ânsias que mudem no teu futuro?

Secção VI:Relações Interpessoais

47. Quais são os aspetos que consideras antes de tomar uma decisão importante?
 - 47.1. A opinião dos seus amigos e familiares é um desses aspetos?
48. Quantas vezes por semana falas com os teus pais?
49. Durante o ano lectivo resides permanentemente em Coimbra?
 - 49.1. Quantas vezes regressas a casa?Porquê?
50. Durante o ano lectivo resides sozinho/a ou partilhas residência com outras pessoas em Coimbra?
 - 50.1. Gostas de partilhar residência? Porquê?
51. Após terminar o teu curso, desejas encontrar emprego mais perto ou mais longe da tua terra natal? Porquê?

Secção VII: Características da Adulter Emergente

52. Achas que actualmente estás numa altura na tua vida ainda de exploração?Porquê?
53. Achas que actualmente estás numa altura em que sofres muitas mudanças na tua vida? Porquê?
54. Achas que actualmente estás numa altura na tua vida em que deves focar-te em ti? Porquê?
55. Achas que existem muitas possibilidades na tua vida? Porquê?
56. Sentes que és um Adulto? Porquê?

Carolina de Crasto Vieitas Duarte
(e-mai.:duartecvcarol.1621@gmail.com)

Anexo C- Resultados da satisfação com o suporte parental

Tabela A: Resultados da satisfação com o suporte parental

Sujeito (nº)	Idade	Suporte Financeiro		Suporte Psicológico	
		Nível de suporte recebido (%)	Nível de Satisfação registada (1-10)	Nível de suporte recebido (%)	Nível de Satisfação registada (1-10)
1	21	10	1	5	4
2	21	70	10	30	8
3	23	90	10	80	8
4	26	2	5	50	7
5	21	100	10	80	8
6	19	80	10	75	8
7	22	75	2	5	1
8	23	100	8	100	10
9	20	60	10	10	5
10	21	100	10	90	10
11	22	100	10	70	10
12	24	30	10	100	10
13	23	90	10	50	7
14	27	100	10	70	10
15	22	50	7	100	9
16	21	90	8	50	9
17	23	99	10	90	8
18	24	100	8	80	6
19	25	70	10	100	10
20	27	30	8	75	7
21	22	25	4	10	3
22	24	100	10	40	10
23	20	30	10	50	10
24	24	50	2	30	2
25	22	100	8	50	6
26	21	100	6	90	9
27	25	20	10	90	10
28	23	15	8	40	4
29	22	100	10	40	3
30	23	40	8	20	5
31	27	0	1	20	1
32	23	40	10	20	10
33	24	70	10	100	10
34	20	40	8	5	1
35	22	95	10	95	8
36	19	100	10	100	10
37	21	100	10	90	10
38	29	100	10	90	10
Total	38	100	10	100	10

QUESTIONÁRIO DE INTERESSES VOCACIONAIS – VERSÃO REVISTA¹

INSTRUÇÕES

De seguida vai encontrar títulos de 30 profissões e uma breve descrição das actividades profissionais representativas de cada uma delas. Depois de ler cada título indique qual o grau de interesse que lhe suscita cada uma das profissões apresentadas. Assim, por exemplo, se pensa que essa profissão lhe AGRADA MUITO deve marcar, com um X, o número 5. Se pensa que a profissão lhe AGRADA deverá marcar o número 4. Se a profissão NEM LHE AGRADA, NEM LHE DESAGRADA, deve marcar o número 3. Se a profissão lhe DESAGRADA, marcará o número 2. Finalmente, se a profissão lhe DESAGRADA MUITO, então deverá marcar o número 1.

O preenchimento deste questionário tem a duração de aproximadamente 15 minutos. Não se esqueça de verificar se respondeu a todos os itens do questionário.

1
Desagrada Muito
2
Desagrada
3
Nem Agradada, Nem desagrada
4
Agrada
5
Agrada Muito

1. Carpinteiro/a (Executa, monta e assenta estruturas e elementos de madeira ou produtos afins, utilizando ferramentas manuais ou mecânicas).	1	2	3	4	5
2. Biólogo/a (Estuda todas as manifestações de vida, com o fim de desenvolver o conhecimento científico e fazer a sua aplicação prática em campos como a indústria, medicina, agricultura ou biologia marítima).	1	2	3	4	5
3. Pianista (Estuda e ensaia a partitura musical; segue, se é membro de orquestra, as indicações fornecidas pelo regente).	1	2	3	4	5
4. Professor/a do Ensino Básico (Ensina em estabelecimentos do ensino básico, transmitindo as primeiras noções de aritmética, gramática, leitura e outras, utilizando métodos pedagógicos e técnicas apropriadas).	1	2	3	4	5
5. Director/a de Vendas (Planeia, dirige e coordena as actividades das vendas de uma empresa industrial, comercial ou de serviços)	1	2	3	4	5
6. Operador/a de Caixa de Loja (de comércio) (Recebe e verifica pagamentos de mercadorias ou serviços em estabelecimentos de comércio ou outros).	1	2	3	4	5
7. Engenheiro/a Mecânico/a (Estuda e elabora pareceres e projectos de máquinas, equipamentos, instalações e sistemas mecânicos e supervisiona a sua fabricação, montagem, reparação e manutenção).	1	2	3	4	5
8. Químico/a (Efectua experiências, ensaios e análises a fim de investigar os fenómenos, desenvolver ou aperfeiçoar matérias-primas, produtos e processos industriais de produção).	1	2	3	4	5
9. Restaurador/a (Repara peças e obras de arte, tais como pinturas, esculturas ou cerâmicas danificadas utilizando técnicas apropriadas e respeitando as características originais das peças).	1	2	3	4	5
10. Animador/a Sociocultural (Organiza, coordena e/ou desenvolve actividades de animação e desenvolvimento sociocultural em grupos ou comunidades).	1	2	3	4	5
11. Vendedor(a) Demonstrador/a (Vende produtos em lojas ou supermercados e promovem a qualidade e utilização dos mesmos).	1	2	3	4	5
12. Contabilista (Organiza e supervisiona os serviços de contabilidade. Dá pareceres sobre problemas de natureza contabilística a empresas ou instituições).	1	2	3	4	5

¹ © J. Tomás da Silva (2007/2010, versão revista). Universidade de Coimbra.

- 13. Canalizador/a**
(Monta, conserva e repara tubos, acessórios e aparelhos de distribuição de água). 1 2 3 4 5
- 14. Médico/a**
(Planeia e desenvolve acções no domínio da prevenção e assistência clínica, assegurando a generalidade dos cuidados médicos aos seus utentes). 1 2 3 4 5
- 15. Pintor/a de cerâmica**
(Pinta motivos decorativos em artigos de vidro ou cerâmica, utilizando materiais adequados). 1 2 3 4 5
- 16. Assistente Social**
(Promove a resolução de problemas sociais, educacionais ou a readaptação social de indivíduos, grupos ou comunidades, através da mobilização de vários recursos). 1 2 3 4 5
- 17. Advogado/a**
(Aconselha clientes acerca dos seus direitos e obrigações e defende as posições e interesses do réu perante os tribunais, em causas penais, administrativas ou outras). 1 2 3 4 5
- 18. Secretário/a de Administração**
(Dirige o funcionamento administrativo; define e controla os procedimentos adequados para a execução do plano de trabalho; interpreta e põe em prática as solicitações recebidas). 1 2 3 4 5
- 19. Topógrafo/a**
(Efectua levantamentos topográficos, tendo em vista a elaboração de plantas e mapas que se destinam à preparação de trabalhos de engenharia). 1 2 3 4 5
- 20. Veterinário/a**
(Planeia e desenvolve acções no domínio da prevenção e assistência clínica ou na inspecção de produtos de origem animal). 1 2 3 4 5
- 21. Pintor/a de Arte**
(Pinta composições abstractas, representativas, retratos, paisagens e naturezas mortas, utilizando materiais e técnicas diversas). 1 2 3 4 5
- 22. Esteticista**
(Trata e embeleza a pele do rosto e corpo de clientes, aplicando diversos produtos de beleza). 1 2 3 4 5
- 23. Director/a de Recursos Humanos**
(Planeia, dirige e coordena as pessoas numa empresa industrial, comercial ou outra). 1 2 3 4 5
- 24. Operador/a de Registo de Dados**
(Opera e regista dados num terminal de computador, ou outro equipamento informático e verifica a exactidão dos dados registados). 1 2 3 4 5
- 25. Padeiro/a**
(Prepara, cozinha e procede à guarnição de alimentos em restaurantes e estabelecimentos similares). 1 2 3 4 5
- 26. Técnico/a de Laboratório (análises físicas)**
(Efectua experiências e ensaios, sob orientação, no âmbito da investigação dos fenómenos físicos ou na indústria). 1 2 3 4 5
- 27. Desenhador/a de moda para a indústria**
(Desenha modelos de produtos para a indústria tendo em conta a finalidade utilitária dos mesmos ou as tendências da moda em termos de *design*). 1 2 3 4 5
- 28. Terapeuta da Fala**
(Avalia e trata as deficiências da fala. Reeduca alterações de linguagem utilizando métodos e técnicas mais apropriadas). 1 2 3 4 5
- 29. Técnico/a de Publicidade e Marketing**
(Planeia, dirige e coordena as actividades de uma empresa na área da publicidade e da promoção das vendas dos produtos ou serviços). 1 2 3 4 5
- 30. Operador/a de Caixa de Banco**
(Recebe e paga numerário e valores num estabelecimento bancário e regista as respectivas operações). 1 2 3 4 5

Antes de entregar o questionário, por favor, preencha a seguinte informação:

Nome:	Sexo:
Idade: Habilitações Literárias:	

Fim. Obrigado pela colaboração.

Espaço para uso exclusivo do administrador

R =	I =	A =	S =	E =	C =
-----	-----	-----	-----	-----	-----

Questionário de Interesses Vocacionais – Revisto (QIV-R)

Estrutura do QIV – R (Tomás da Silva, 2010, UC)

O QIV tem uma estrutura simples e apenas inclui 5 itens por Tipo de Personalidade, ou seja, 30 itens no total. O principal objetivo é de ser usado na investigação, contextos onde a brevidade é uma característica especialmente apreciada. O primeiro item inicia a série correspondente ao Tipo Realista (item 1), segue-se o item 2 que é o primeiro do Tipo Investigador, o item 3 é o primeiro item do Tipo Artístico, o item 4 é o primeiro item do Tipo Social, o item 5 é o primeiro do Tipo Empreendedor e, finalmente, o item 6 é o primeiro do Tipo Convencional. De seguida reinicia-se a série.

De seguida apresentamos os itens e a sua pertença a cada escala/Tipo:

Realista: 1 Carpinteiro/A; 7 Engenheiro/a Mecânico/a; 13 Canalizador; 19 Topógrafo/a; 25 Pasteleiro/a.

Investigador: 2 Biólogo/a; 8 Químico/a; 14 Médico/a; 20 Veterinário/a; 26 Técnico/a de Laboratório (Análises Físicas).

Artístico: 3 Pianista; 9 Restaurador/a; 15 Pintor/a de Cerâmica; 21 Pintor/a de Arte; 27 Desenhador/a de Moda para a Indústria.

Social: 4 Professor/a do Ensino Básico; 10 Animador/a Sociocultural; 16 Assistente Social; 22 Esteticista; 28 Terapeuta da Fala.

Empreendedor: 5 Director/a de Vendas; 11 Vendedor/a Demonstrador/a; 17 Advogado/a; 23 Director/a de Recursos Humanos; 29 Técnico/a de Publicidade e Marketing.

Convencional: 6 Operador/a de Caixa de Loja (de comércio); 12 Contabilista; 18 Secretário/a de Administração; 24 Operador/a de Registo de Dados; 30 Operador/a de Caixa de Banco.

Resumindo:

Itens por Sub-escala (Tipo de Personalidade de J. Holland):

REALISTA: 1, 7, 13, 19, 25

INVESTIGADOR: 2, 8, 14, 20, 26

ARTÍSTICO: 3, 9, 15, 21, 27

SOCIAL: 4, 10, 16, 22, 28

EMPREENDEDOR: 5, 11, 17, 23, 29

CONVENCIONAL: 6, 12, 18, 24, 30

A escala de resposta é de tipo Likert com 5 intervalos:

1 Desagrada muito

2 Desagrada

3 Nem Agrada, nem desagrada

4 Agrada

5 Agrada muito

Cotação e Interpretação

Para obter a Pontuação Bruta (PB) de cada Tipo Holland some as classificações atribuídas pelos respondentes nos respetivos itens (e.g., PB = Somatório das classificações [item 1 + item 7 + item 13 + item 19 + item 25]).

A PB para cada uma das escalas situa-se, teoricamente, entre 5 (mínimo) e 25 (máximo). Quanto maior o score maior a preferência do sujeito a respeito do Tipo de Holland em causa.

Caso deseje poderá dividir o Total por 5 (nº de itens), o resultado bruto ficará recentrado no intervalo da escala de tipo Likert usado [1-5], sendo 3 o valor que corresponde a uma posição preferência neutra (a respeito do Tipo de Holland considerado).

Até à data não existem Normas para o QIV. Assim, sugere-se que a ferramenta seja interpretada de forma ipsativa (i.e., as respostas dos respondentes são analisadas tendo como referência os próprios respondentes). Deve, assim, atender-se sobretudo à forma do perfil de Personalidade de Vocacional obtido pelo respondente. Por exemplo, quais os Tipos mais preferidos (vs. menos preferidos); o perfil está suficientemente diferenciado (vs. indiferenciado); o perfil é congruente (vs. incongruente).

Obviamente pode ainda calcular-se o código de três letras de Holland (PB mais elevada corresponde à primeira letra, etc.).

Citação:

Silva, J. M. T. (2007). *Questionário de Interesses Vocacionais – Revisto (QIV – R)*. Coimbra, NOEP, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra.

Referência sobre o QIV original (com 60 itens):

Silva, J. M. T. (2006). Análise psicométrica de um questionário de interesses vocacionais baseado na teoria de Holland. *Psicologia e Educação*, 5(1), 77-8.

José Manuel Tomás da Silva, *PhD*
Universidade de Coimbra

Anexo F- Resultados da aplicação do QIV-R

Tabela B: Resultados da aplicação do QIV-R

Sujeito (nº)	Tipos de Interesses Vocacionais												Código RIASEC
	R		I		A		S		E		C		
	PB	Nível na Escala Lickert	PB	Nível na Escala Lickert	PB	Nível na Escala Lickert	PB	Nível na Escala Lickert	PB	Nível na Escala Lickert	PB	Nível na Escala Lickert	
1	11	2	18	4	17	3	12	2	9	2	10	2	IAS
2	15	3	19	4	16	3	18	4	17	3	16	3	ISE
3	14	3	10	2	18	4	12	2	13	3	11	2	ARE
4	5	1	9	2	5	1	8	2	9	2	5	1	IES
5	13	3	17	3	20	4	18	4	11	2	14	3	ASI
6	12	2	9	2	8	2	16	3	15	3	13	3	SEC
7	12	2	16	3	17	3	21	4	14	3	15	3	SAI
8	7	1	8	2	7	1	10	2	18	4	13	3	ECS
9	7	1	16	3	9	2	11	2	12	2	12	2	IEC
10	13	3	19	4	17	3	14	3	22	4	14	3	EIA
11	9	2	10	2	16	3	20	4	17	3	20	4	SCE
12	13	3	14	3	15	3	19	4	13	3	12	2	SAI
13	10	2	14	3	15	3	17	3	18	4	16	3	ESC
14	5	1	10	2	5	1	12	2	19	4	8	2	ESI
15	10	2	18	4	17	3	10	2	14	3	9	2	IAE
16	9	2	20	4	17	3	10	2	16	3	14	3	IAE
17	14	3	13	3	15	3	16	3	12	2	15	3	SAC
18	16	3	12	2	14	3	14	3	16	3	15	3	REC
19	11	2	18	4	11	2	17	3	20	4	10	2	EIS
20	16	3	14	3	9	2	12	2	11	2	15	3	RCI
21	8	2	9	2	12	2	8	2	13	3	10	2	EAC
22	18	4	24	5	20	4	12	2	11	2	7	1	IAR
23	12	2	11	2	17	3	9	2	14	3	10	2	AER
24	17	3	11	2	13	3	16	3	13	3	15	3	RSC
25	10	2	16	3	15	3	17	3	12	2	12	2	SIA
26	10	2	13	3	17	3	16	3	14	3	7	1	ASE
27	5	1	17	3	5	1	13	3	7	1	5	1	ISE
28	14	3	16	3	17	3	22	4	18	4	16	3	SEA
29	7	1	20	4	11	2	19	4	13	3	19	4	ISC
30	5	1	6	1	6	1	7	1	7	1	7	1	SEC
31	17	3	15	3	16	3	14	3	7	1	12	2	RAI
32	15	3	16	3	15	3	17	3	17	3	17	3	SEC
33	17	3	21	4	22	4	22	4	16	3	15	3	ASI
34	13	3	15	3	25	5	16	3	14	3	10	2	ASI
35	8	2	19	4	15	3	18	4	12	2	11	2	ISA
36	8	2	11	2	8	2	16	3	15	3	19	4	CSE
37	13	3	18	4	15	3	17	3	22	4	23	5	CEI
38	9	2	19	4	21	4	20	4	18	4	14	3	ASI